



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ÂNGELO FERNANDO GREGÓRIO RAMOS SANTOS

O PURGATÓRIO NA ESCATOLOGIA CATÓLICA
Uma identidade em construção

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga

2015

“No Purgatório seremos todos místicos”¹

¹ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961, 93.

ÍNDICE

SIGLÁRIO	4
INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I - HISTÓRIA E TEOLOGIA DO PURGATÓRIO ETAPAS FUNDAMENTAIS ATÉ AO SÉCULO XX	9
1. Nos Símbolos da Fé e nos Padres da Igreja	9
2. No tempo da Escolástica	18
3. Na Baixa Idade Média: Dante Alighieri e Santa Catarina de Génova	23
4. Na época da Reforma e Contra-Reforma	26
CAPÍTULO II – O PURGATÓRIO NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA SÉCULO XX ATÉ BENTO XVI	32
1. XXI Concílio Ecuménico Vaticano II	32
2. Pontificado de Paulo VI	35
3. Pontificado de João Paulo II	36
4. Pontificado de Bento XVI	41
CAPÍTULO III – PURGATÓRIO: RELEITURA TEOLÓGICA	47
1. Refontalização bíblica	47
2. Processo de amadurecimento na santidade	52
3. Experiência comunitária do Purgatório	56
CONCLUSÃO	62
BIBLIOGRAFIA	65

SIGLÁRIO

AAS -	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
CEC -	Catecismo da Igreja Católica
GS -	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LG -	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
PL -	<i>Patrologia Latina</i>
PG -	<i>Patrologia Graeca</i>
SC -	Constituição Dogmática <i>Sacrosanctum Concilium</i>

INTRODUÇÃO

“Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (1Cor 15,32). Esta célebre passagem paulina situa-nos numa das temáticas mais fundamentais da existência cristã: a ressurreição dos mortos. Para S. Paulo, a descrença na ressurreição dos mortos, conduz a um estilo de vida em que não seria necessário grandes preocupações e tarefas, bastaria levar uma vida de banalidades. Esta negação da ressurreição é uma negação total da vida eterna que nos conduziria a uma vida de tábua rasa, isto é, uma vida vivida num horizontalismo banal e supérfluo. No entanto, um dos elementos mais característicos da identidade cristão é a sua projeção escatológica. O elemento que diferencia o estilo de vida do cristão de outros modos de ser é a sua adesão a uma vida que se prolonga para além da morte, numa adesão e relação com Deus uno e trino, que nos convida a participar da Sua intimidade.

A vida cristã sem esta dimensão escatológica consciencializada não passaria de um mero altruísmo, desencarnado de uma vertente escatológica. O cristão deixaria de ser *homo viator* para ser Homem de horizontes estáticos. Na projeção escatológica cristã existem várias realidades que o crente pode viver, uma realidade de felicidade perpétua e conexão total com a vida divina (Céu) ou uma realidade de alienamento total de Deus e dos outros (Inferno), não como realidades simétricas, pois na fé cristã só existe um caminho que é o caminho da salvação. A dimensão escatológica é um dos pilares cruciais do existir cristão, pois o cristão como *homo viator*, sabe que o seu existir não caminha para o vazio e o vácuo, mas para a plenitude da felicidade e concretização no amor trinitário. Porém, esta concretização no amor trinitário é fruto de um longo processo de amadurecimento da santidade dos cristãos. Os cristãos na sua aceitação do convite de Cristo para serem Seus discípulos, operam uma caminhada orientada para a “pátria do amor trinitário” (Céu).

Contudo, para se integrar esta “pátria do amor trinitário” é necessário atingir uma perfeição da santidade e do relacionamento com Deus. Todo o processo de integração exige

da parte dos chamados uma vida configurada com a realidade que se vai vivenciar. Logicamente, nas nossas vidas percebemos que nem sempre somos fiéis à vontade de Deus: “a maioria dos homens termina a sua história carregada de contradições, marcada pela negatividade de muitas acções passadas... Termina a viagem terrestre com débito”.² Esta constatação coloca variadíssimas questões: estas pessoas que terminaram as suas vidas com “débitos”, estarão irremediavelmente excluídos da “pátria do amor trinitário”? Senão, o que poderão fazer para aderir a “pátria do amor trinitário”?

A resposta a estas questões contextualiza o tema desta monografia, o Purgatório. O Purgatório, como realidade escatológica penetra o existir de todo o cristão, pois todo o cristão realiza ao longo da sua caminhada um processo contínuo de purificação. O Purgatório é uma realidade fortemente presente na espiritualidade e pastoral cristãs. O Purgatório é um elemento nevrálgico do dia-a-dia dos cristãos, pois simboliza o continuar dos laços afetivos e efetivos entre os defuntos e os vivos. O Purgatório é um tema bastante sensível do agir cristão, tendo uma alcance de enorme atualidade.

No entanto, o Purgatório, como realidade vinculativa da fé cristã teve um longo processo de reflexão teológica até aos nossos dias. No século passado, o teólogo francês Yves Congar afirmava veementemente que era necessário realizar “um purgatório do Purgatório”.³ Este processo de purificação do Purgatório conduziu a uma renovada releitura do Purgatório, no contexto da renovação teológica ocorrida ao longo do século XX.

Esta monografia tem como finalidade compreender quais foram as grandes linhas que conduziram à construção da identidade do Purgatório até aos dias de hoje. A exortação de Yves Congar (1904-1995) só será possível tendo-se inicialmente uma visão de conjunto da realidade teológica do Purgatório: quais foram os principais teólogos que se debruçaram sobre

² João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, 240.

³ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1961, 89.

esta temática, quais os grandes filões teológicos que brotaram ao longo da história, quais foram as principais intervenções do Magistério. Esta monografia pretende abordar o Purgatório de uma forma principalmente histórica, compilando os momentos-chaves para a construção da identidade do Purgatório. O Purgatório como realidade envolvente da vida cristã necessita de uma séria compreensão, senão pode recair em distorções de épocas passadas.

Esta monografia, na sua incursão pela procura dos elementos que construíram a identidade do Purgatório, irá percorrer um itinerário em três fases. Num primeiro capítulo, de forma sucinta, apresentar-se-á a reflexão teológica realizada em três momentos fundamentais da teologia cristã. Os três eixos fundamentais são os seguintes períodos: o período dos Padres da Igreja, como núcleo germinal do Purgatório, de seguida o período Escolástico, como sistematização e solidificação do Purgatório, por fim, o período da Contra-Reforma católica, como momento de definição e dogmatização dos elementos fundamentais.

Num segundo período serão apresentadas as intervenções mais significativas do Magistério da Igreja ocorridas ao longo dos séculos XX e XXI. Neste capítulo vão ter relevo os ensinamentos oriundos do Concílio Vaticano II e os documentos emanados da autoridade docente dos Pontífices Romanos (Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI) e dos dicastérios da Cúria Romana, concretamente da Congregação da Doutrina da Fé e Comissão Teológica Internacional.

Num terceiro capítulo analisar-se-á a releitura teológica do Purgatório operada no século XX. Nesta parte sublinhar-se-á os elementos mais ressaltados pelos teólogos no seu discernimento teológico sobre o Purgatório. No século XX os teólogos na sua tentativa de renovar a teologia do Purgatório extraíram dois elementos fundamentais da identidade do Purgatório: o processo de amadurecimento dos crentes e a dimensão comunitária.

Com esta incursão pela reflexão teológica do Purgatório pretende-se sistematizar um conjunto de elementos históricos, teológicos e pastorais que possam contribuir para iluminar e aprofundar a Escatologia em perspectiva cristã.

CAPÍTULO I - HISTÓRIA E TEOLOGIA DO PURGATÓRIO ETAPAS FUNDAMENTAIS ATÉ AO SÉCULO XX

Neste primeiro capítulo pretende-se abordar as múltiplas circunstâncias históricas pelas quais se foi desenvolvendo a reflexão teológica e as intervenções eclesiais relativas ao Purgatório. Em consonância com esta perspectiva vai-se abordar o Purgatório em três períodos fundamentais. Começa-se pelo período dos Padres da Igreja até aos Símbolos da Fé, segue-se o tempo da Escolástica e das Sumas e, por fim, analisarei a época da Reforma e Contra-Reforma. Estes três períodos são três eixos fundamentais para a compreensão da teologia do Purgatório até as vésperas do século XX. No estudo destes três eixos há uma visão pelos principais filões teológicos e seus autores, do Magistério pontifício e conciliar e principais controvérsias surgidas neste espaço de tempo. A análise destes três eixos irá permitir conhecer o processo de construção da identidade do Purgatório na teologia católica.

1. Nos Símbolos da Fé e nos Padres da Igreja

Os primeiros testemunhos explícitos relativos ao Purgatório são os epitáfios e as inscrições funerárias. Como o celebre epitáfio de Abércio: “Vós que compreendeis esta linguagem e partilhais os mesmos sentimentos, rezai por Abércio”.⁴ Consequentemente e anterior a qualquer reflexão teológica, a oração pelos defuntos será o primeiro lugar teológico para a identidade do Purgatório. A oração pelos defuntos encontra-se bastante enraizada na Igreja nascente, como nos retrata Tertuliano (160-220): “Fazemos oblações pelos defuntos, no

⁴ Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 284.

dia anual do seu nascimento”.⁵ São Epifânio conceberá herética a postura de Aerio, que declarava que era inútil rezar pelos defuntos. A oração pelos defuntos era uma realidade tão verificável nas primeiras comunidades, que remetia-se o seu uso desde dos tempos apostólicos,

“rezando por eles e pedindo a outros que também orem... Porque sem razão foram estabelecidos pelos apóstolos mesmo estas leis; digo que durante os venerados mistérios se faz memória dos que morreram... Bem sabiam eles que disto tiraram os defuntos grande proveito e utilidade”.⁶

A própria Liturgia foi imbuída desta tradição de oração pelos defuntos, de um modo particular no memento dos defuntos, como nos deixa transparecer a Anáfora Siríaca dos Doze Apóstolos I: “Aos nossos pais e irmãos, que morreram na verdadeira fé, dai-lhes a glória divina no dia do Juízo; não entres em litígio com eles, porque nenhum ser vivo é inocente diante de Ti”.⁷

A partir destes testemunhos primordiais, a reflexão teológica foi-se ocupando do tema do Purgatório, progressivamente. As primeiras pisadas são realizadas por Tertuliano, o primeiro autor cristão a debruçar-se sobre este tema. Tertuliano apresenta-nos uma primeira referência deste tema na sua obra *Paixão da Santa Perpétua*.⁸ Neste escrito, o cartaginense descreve-nos um episódio da vida da mártir, no qual, em sonhos, visualiza o seu irmão Dinócrato. O seu irmão tinha morrido bastante jovem e provavelmente sem batismo. Ela visualiza o seu irmão num lugar tenebroso e com um rosto bastante triste. Imediatamente, depois desta visão, orou por ele, e conseqüentemente, noutra sonho posterior, o mesmo

⁵ AA.VV., *Antologia Litúrgica. Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2003, 218.

⁶ Lucas MATEO SECO, *Purgatorio*, in *Gran Enciclopedia Rialp*, Vol. XIX, Ediciones Rialp, Madrid, 1974, 508.

⁷ AA.VV., *Antologia Litúrgica. Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2003, 1117.

⁸ “Tertuliano entrou na história da doutrina sobre o purgatório antes de tudo pela obra *Paixão de santa Perpétua*, composta por ele, ou por gente que estava próxima”, in Joseph RATZINGER, *Escatología*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³, 207.

aparecia com o rosto alegre; tinha trocado “o lugar de sofrimento por uma mansão de alegria”.⁹ Este episódio simples serve-nos para um primeiro testemunho sobre o Purgatório, que irá servir de base para posteriores reflexões.

Contudo, será na obra *Sobre a alma*, que Tertuliano explanará e desenvolverá a doutrina do Purgatório. Para o africano, nesta fase já montanista, o Purgatório é visto como um cárcere no qual se tem oportunidade de pagar o “último quadrante”, ou seja, “converte o *interim* em um purgatório necessário para todos”.¹⁰

Na teologia ocidental quem dará um passo significativo para a compreensão do purgatório é o conterrâneo de Tertuliano, S. Cipriano (bispo de Cartago). A reflexão teológica de S. Cipriano (258) diz Domingos Ramos-Lissón, “não responde a um desenvolvimento sistemático, senão que se expressa de acordo com as necessidades pastorais em que se vê rodeado”.¹¹

Durante o século III, a práxis penitencial da Igreja caracterizava-se pela entrada dos cristãos no *Ordo poenitentium*, e só eram novamente admitidos e absolvidos na comunidade depois da realização da penitência estabelecida. Porém, como os cristãos viviam sob clima de perseguição, S. Cipriano mitigou a disciplina penitencial, possibilitando aos penitentes receberem a absolvição antes de realizarem a totalidade da penitência. Mas, neste clima de ameaça e de perseguição, os cristãos podiam morrer antes de serem absolvidos; para estes casos S. Cipriano afirmava: “Se morrerem antes de ser absolvidos serão purificados pelo fogo durante certo tempo”.¹² José Alviar comenta, que: “Logicamente, neste contexto, o que se destaca é a função penal ou expiatória do mistério, e não tanto a sua dimensão divinizadora”.¹³ O autor africano já na referida Carta 55 expõe três realidades pós-mortais:

⁹ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1961, 89.

¹⁰ Joseph RATZINGER, *Escatología*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³, 208.

¹¹ Domingo RAMOS-LISSÓN, *Patrología*, EUNSA, Pamplona, 2005, 197.

¹² CIPRIANO DE CARTAGO, *Epistola 55*, PL 4, 358.

¹³ José ALVIAR, *Escatología*, EUNSA, Pamplona, 2011³, 343.

“Uma coisa é não sair do encarceramento de lá até pagar o último quadrante e outra receber sem demora o prêmio da fé e do valor; um purificar-se dos pecados por tormentos de largas dores e purgar muito tempo pelo fogo... e outra ser coroado de seguida pelo Senhor”.¹⁴

Cipriano, ao advogar a existência de uma purificação ultraterrena, formulou “claramente a ideia fundamental da doutrina ocidental sobre o purgatório”.¹⁵ O prelado cartaginense será o primeiro a expor o tema do Purgatório de um modo explícito, influenciado pela fé popular e pela práxis pastoral. Será no ambiente do Norte de África que aparecerá o terceiro contributo decisivo para a compreensão e consolidação da doutrina do Purgatório, Santo Agostinho (354-430).

O bispo de Hipona, na sua elaboração acerca do Purgatório, terá presente a oração pelos defuntos,

“Não se pode negar que as almas dos defuntos recebam alívio pela piedade dos seus parentes vivos, quando por elas se oferece o sacrifício do Mediador, ou quando se fazem esmolas na Igreja. Mas estas coisas aproveitam aquelas que, quando viviam, mereceram que depois pudessem aproveitá-las. Porque há um modo de viver, nem tão bom que não necessite estas coisas da morte; mas há também tal modo de viver no bem que não necessita estas coisas, e há também tal modo de viver no mal que não se pode ajudar nem com estas coisas, quando passam desta vida... Quando, por tanto, se oferecem os sacrifícios, seja do altar, seja de qualquer classe de esmolas por todos os batizados defuntos, com respeito aos muito bons são ação de graças; com respeito aos maus, ainda que não são ajuda alguma para os mortos, são certos consolos para os vivos”.¹⁶

Santo Agostinho estabeleceu uma clara distinção entre os mártires que não necessitam da nossa oração, daqueles que necessitam dela. O hiponense situa esta purificação ultraterrena na realidade da comunhão dos santos: “As almas dos santos defuntos não estão separadas da

¹⁴ CIPRIANO DE CARTAGO, *Epistola 55*, PL 4, 358.

¹⁵ Joseph RATZINGER, *Escatología. La muerte y la vida eterna*, Herder, Barcelona, 2007², 241.

¹⁶ José ALVIAR, *Escatología*, EUNSA, Pamplona, 2011³, 344.

Igreja, que constitui o Reino de Cristo no momento presente; de outra forma, não seriam comemorados no altar de Deus na nossa comunhão no corpo de Cristo”.¹⁷

Santo Agostinho, fiel à tradição recebida, falará do fogo purificador (*ignis purgatorius*). Santo Agostinho expõe a necessidade desta realidade purificadora ultraterrena depois da morte, não para todos os pecadores. Por fim, para além da aplicação de sacrifícios aos defuntos, ele também elenca a oração dos vivos pelos defuntos.

Esta linha agostiniana irá prevalecer na reflexão teológica ocidental, e irá estar presente no primeiro tratado sistemático de escatologia, *Prognosticon futuri saeculi*¹⁸ de Julião de Toledo, dos finais do século VII. O tema do Purgatório vem referido na segunda parte da obra. Este tratado reafirma um estado de purificação para aqueles que morrem e que não estão suficientemente preparados para o Céu. Este estado de purificação dura até ao fim dos tempos. Fiel a toda a reflexão teológica anterior, sublinha a oração dos vivos pelos defuntos como salutar e propiciatória. No entanto, Julião tem o cuidado de distinguir o fogo do Purgatório, do fogo do Inferno. Este tratado teve uma enorme influência na Idade Média, pois sintetizou em si toda a reflexão escatológica até àquele momento realizada no Ocidente. Em contrapartida, o Oriente cristão também desenvolveu uma teologia do Purgatório, com algumas semelhanças e dissemelhanças com a tradição no Ocidente, sendo ainda hoje um “pomo de discórdia” entre católicos e ortodoxos.¹⁹

O primeiro autor oriental que se debruçou sobre este tema foi Clemente de Alexandria (150-215), um dos célebres pedagogos da escola catequética de Alexandria. As características desta escola teológica são: o recurso à filosofia platónica e estoica e tendência para interpretação alegórica do Antigo Testamento, segundo as pisadas de Fílon de Alexandria.

¹⁷ AGOSTINHO DE HIPONA, *De civitate Dei*, 20, 9, 2, PL 41, 674.

¹⁸ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 331.

¹⁹ “Os Ortodoxos criticam seriamente a noção ocidental de purgatório, por fidelidade a Escritura e por respeito diante o mistério, e interpretam com circunspeção os textos dos Padres gregos sobre o fogo purificador. Praticam a oração tradicional pelos defuntos e falam eventualmente de um «sofrimento da consciência» para os que não se purificaram totalmente, mas recusam toda a ideia de «lugar» e de «fogo purificador», querendo reservar para o juízo final a realidade do fogo eterno.”, in *Ibidem*, 338.

Clemente advogava a plausibilidade de uma purificação ultraterrena, pois o ser humano encontra-se num contínuo processo de purificação. Clemente sugere que este fogo purificador atua só nas almas pecadoras.

“Esta afirmação está em consonância com a grandiosa visão de Clemente da pedagogia (*paideia*) divina, que ele considera tão eficaz que conseguirá no final recuperar todas as criaturas. Assim, concebe a pena pós-mortal como medicinal e correccional, conducente ao arrependimento. Esta implicaria, em última instância, que o inferno é temporal”²⁰.

Na esteira desta purificação, Clemente abria a porta para a salvação de todos. “Os castigos pós-mortais parecem ter esta finalidade de purificação, mais do que sanção definitiva. Abre-se já, para Clemente, o problema da restauração universal ou *apocatastasis*, que encontramos em Orígenes”.²¹ Orígenes (182-254), seguidor e sucessor de Clemente na escola de Alexandria, desenvolveu a mesma linha de pensamento do seu pedagogo. No sistema teológico de Orígenes, o tema do Purgatório encontra-se relacionado com a passagem bíblica de 1Cor 3,11-15²², sendo “Deus mesmo o fogo que purifica”²³. Para Orígenes esta purificação ultraterrena serve de “preparação para a visão eterna (cfr. *De principiis*, IV, 11, 6-7) ao operar uma gradual conversão”.²⁴

Contudo, relacionado com este tema encontra-se a restauração universal, bastante controverso no momento de compreender a real postura de Orígenes. Nos seus escritos Orígenes é contraditório, pois apresenta opiniões e julgamentos diferentes. “ Segundo Orígenes todos o pecadores se salvariam, incluindo os demónios, que serão purificados pelo

²⁰ José ALVIAR, *Escatología*, EUNSA, Pamplona, 2011³, 342.

²¹ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 323.

²² “Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo. Se alguém sobre esse fundamento constrói com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, a obra de cada um será posta em evidência. O Dia a tornará conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo o provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo” (1 Cor 3,11-15).

²³ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 324.

²⁴ José ALVIAR, *Escatología*, EUNSA, Pamplona, 2011³, 342.

Logos. Depois terá lugar a segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos”.²⁵ Segundo este conceito de restauração universal para Orígenes no final dos tempos todas as criaturas de Deus se salvariam, ou seja, o Inferno seria uma realidade temporária, não existiria uma condenação eterna. No entanto, a grande reação contra a doutrina origenista da *apocatastasis* é da responsabilidade de São João Crisóstomo (347-407).

São João Crisóstomo²⁶ irá purificar a linha alexandrina, recusando veementemente a doutrina da *apocatastasis*. Nas suas homílias acerca da primeira Epístola aos Coríntios, o patriarca rejeita claramente a doutrina da restauração universal,

“Não é pequena a questão que nos é proposta, mas muito necessária e dos problemas que os homens todos procuram resolver: se a geena é infinita. No entanto, Cristo assegurou que não tem fim, nestes termos: “Onde o fogo não se extingue e onde o verme deles não tem fim (Mc 9,18)”.”²⁷

São João Crisóstomo será o promotor da doutrina do Purgatório no Oriente; doutrina esta ainda em vigor e de referência para as Igrejas ortodoxas, nos dias de hoje. A sua doutrina expressa-se de uma forma arcaica; defendia a existência de uma situação intermédia, uma espécie de “hades”, entre a morte e a ressurreição. Neste estado intermédio existem diferentes graus de felicidade e de desventura. Em comum com toda a Igreja, propunha a oração, os sacrifícios e a esmola como refrigério para as almas, mas esta aplicação não se traduzia em sofrimentos purificadores ou expiatórios.

No século IV, todos os teólogos orientais são unânimes na defesa da existência de uma purificação pós-mortal (São Efrém, São Basílio, São Gregório de Nisa). São Cirilo de Jerusalém (313-386) afirmava, veementemente, nas suas catequeses mistagógicas, a existência deste estado purificador:

²⁵ Domingo RAMOS-LISSÓN, *Patrología*, EUNSA, Pamplona, 2005, 172.

²⁶ São João Crisóstomo foi formado na escola de Antioquia, escola rival de Alexandria. “A Escola de Antioquia remonta-se a Luciano de Antioquia (312). Chegou a alcançar um grande desenvolvimento em meados do século IV, graças ao impulso de Diodoro de Tarso, e teve em S. João Crisóstomo o seu mais exímio representante... Sua plataforma (Escola antioquena) de pensamento filosófico era de base aristotélica, na qual predominava o realismo e o empirismo, frente ao idealismo alexandrino de cunho platónico”, in *Ibidem*, 157.

²⁷ JOÃO CRISÓSTOMO, *Homiliae in Epistolam primam ad Corinthios*, 9, 1, PG 61, 75.

“ Rezamos (na Eucaristia) pelos santos padres e bispos que estão dormindo, e em geral por todos os que já dormem antes de nós, na crença de que aproveita grandemente as almas pelos quais oferecemos as orações, enquanto a vítima santa e magnífica está presente... Da mesma maneira, oferecendo a Deus nossas orações por aqueles que já dormem e pecaram, oferecemos... Cristo, sacrificado pelos pecados de todos, e ao fazê-lo, conseguimos o favor de Deus amoroso por eles e por nós”.²⁸

Em balanço, facilmente detetamos que a primitiva reflexão teológica relativa ao Purgatório foi trabalhada em duas mundividências, uma de cariz ocidental e outra de cunho oriental. Na primeira, o Purgatório é analisado numa perspectiva mais jurídica e moral, ou seja, a purificação ultraterrena é um prolongar da práxis penitencial, uma oportunidade para pagar o “último quadrante”. Em contrapartida, na teologia oriental o Purgatório é enquadrado no processo de *theosis* do ser humano, ou seja, no processo de divinização e assimilação a Deus. Os teólogos orientais visualizam o Purgatório como uma oportunidade medicinal e correcional terapêutica, distanciando-se da perspectiva jurídica ocidental. Muito mais do que dois sistemas antagónicos, encontramos-nos com duas visões complementares.

Neste mesmo período, o Magistério eclesiástico encontrava-se mais direccionado para os temas da Escatologia comunitária (a segunda vinda de Cristo, reino não terá fim, ressurreição dos mortos), sendo estas declarações expostas principalmente nos Símbolos da Fé. As declarações mais célebres e vinculativas são: o Credo Niceno-constantinopolitano, fruto do trabalho conciliar realizado no Concílio de Niceia (325) e Constantinopla (381), *Fides Damasi* (IV), *Quicumque* (IV/V) e os Símbolos redigidos nos concílios provinciais.

O Símbolo *Fides Damasi*, composto no século IV na França Meridional, afirmava que, “Cremos que nós, purificados na sua morte e sangue, haveremos de ser ressuscitados por ele, nos últimos dia, nesta carne na qual agora vivemos, e temos a esperança de alcançar ou a vida

²⁸ CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, 5, 9-10, PG 33, 1115-1118.

eterna como recompensa do bom mérito, ou a pena do suplício eterno pelos pecados”.²⁹ Do mesmo modo no Símbolo *Quicumque* ressalta que “(Cristo) subiu aos céus, está sentado (sentou-se) à direita do Pai, de onde virá para julgar os vivos e os mortos. À sua vinda, todos os homens devem ressuscitar com (em) seus corpos e hão de prestar contas de suas ações; e os que fizerem o bem irão para a vida eterna, aqueles, porém, que «fizeram» o mal, para o fogo eterno”.³⁰

Os temas da Escatologia comunitária estarão presentes também nos vários Concílios provinciais entre os séculos VI e VII. No I Concílio de Braga (561), acolhendo a profissão de fé do I Sínodo de Toledo, ressalta a doutrina da ressurreição da carne: “Cremos na ressurreição (futura) da carne humana”.³¹ Os Concílios de Toledo, em consonância com o seu contexto teológica, também sublinharam os temas da Escatologia comunitária. O XI Sínodo de Toledo (675) sublinha e professa que,

“exemplo da nossa Cabeça acontecerá a verdadeira ressurreição da carne de todos os mortos. Cremos que não ressuscitaremos numa carne etérea... mas naquela na qual vivemos, subsistimos e nos movemos... De lá virá, com todos os santos, para realizar o juízo e dar a cada um ajuste pelas suas obras, segundo o que, no corpo, tiver feito de bem ou de mal”.³²

O XVI Sínodo de Toledo (693) reafirma toda a doutrina exposta na Profissão de fé do XI Sínodo de Toledo, reproduzindo as temáticas relativas à Escatologia comunitária.³³

Teremos que esperar até a Idade Média para que os temas da Escatologia individual sejam objeto de reflexão teológica. Em síntese, neste enclave histórico, o Purgatório é visto como um processo de purificação ultraterreno, que pode ser sufragado pela oração dos vivos, a aplicação da Eucaristia e a esmola. No período dos Padres da Igreja e dos Símbolos da Fé

²⁹ Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, n° 71.

³⁰ *Ibidem*, n° 76.

³¹ *Ibidem*, n° 190.

³² *Ibidem*, n° 540.

³³ *Ibidem*, n° 574.

encontramo-nos com a aurora da reflexão teológica relativo ao Purgatório, donde saíram as principais tonalidades para o desenvolvimento posterior.

2. No tempo da Escolástica

Durante o período patrístico, a área da Escatologia comunitária era a mais dominante na reflexão teológica. Na Idade Média operou-se uma viragem teológica relativamente à Escatologia; ganhou relevo a seção da Escatologia individual. Esta viragem escatológica vinha em curso desde o Édito de Milão (313). Com o entardecer da Vinda de Cristo, começou-se a refletir acerca do estado daqueles que morreram, ressoando a seguinte questão: “O que se passa com os mortos?”. Consequentemente, começou-se a refletir acerca dos temas da Escatologia individual (morte, céu, inferno, visão beatífica, juízo particular e purgatório). Contudo, será no período escolástico, que se procede à primeira grande sistematização desta área.

A aurora desta sistematização tem como génese a obra de Julião de Toledo, já referida anteriormente. Os primeiros sistematizadores da escatologia individual são os teólogos pré-escolásticos. Hugo de São Victor (1096-1141), na sua obra *De sacramentis christianae fidei*, debruça-se sobre as realidades últimas. Em relação ao tema do Purgatório, dá continuidade a linha agostiniana. O Purgatório constitui a salvação pelo fogo, inspirado em 1 Cor 3,15. Em conformidade com a tradição eclesial, diz que a oração e a esmola pelos defuntos “ tem um tríplice efeito que já lhe concedia Santo Agostinho, ação de graças pelos bons, propiciação para os não muito maus, consolo para os vivos no caso dos condenados.”³⁴ Outro autor determinante para esta área, que terá uma influência aglutinante nos séculos posteriores, é Pedro Lombardo (1100-1160). Na sua célebre obra os Livros das *Sentenças*, Lombardo

³⁴ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 334.

aborda o tema do Purgatório, salientando que pode perdoar os pecados veniais, mas não os graves. A sua visão do Purgatório encontra-se sempre no horizonte da enfatizada passagem 1 Cor 3,10-15. Porém, em Pedro Lombardo, o termo Purgatório “é um adjetivo mas a tendência para a localização manifesta-se com a ideia de (recetáculo) ”.³⁵ No Mestre das Sentenças possuímos já um leve acentuar para a ideia do Purgatório como “lugar”.

A passagem das *Sentenças* para as *Sumas* caracterizou-se com um maior processo de compactação e sistematização da Escatologia, “com uma notável aprofundamento especulativa”.³⁶ Para São Boaventura (1221-1274), o tema central e orbital da escatologia é o juízo. Porém, o juízo, no entender do Doutor Seráfico possui um “preâmbulo, que são o purgatório e o sufrágio pelos defuntos”.³⁷ São Boaventura analisa a Vinda de Cristo como um processo progressivo de purificação, em que o ser humano combate para cada vez mais aderir ao bem. Na verdade, apercebemo-nos que nem sempre se consegue esta configuração, porém, “nunca o seu mérito fica sem recompensa, nem a sua falta fica impune”³⁸, ou seja, o Purgatório apresenta-nos esta purificação terrena, mas na dimensão ultraterrena, continua o processo de amadurecimento. Uma vez concluído este processo, a alma encontra-se preparada para receber “ influência deiforme da glória”.³⁹ O sistema teológico de São Boaventura desenvolve um elemento original à dimensão eclesiológica: “ em razão da sua justiça as almas do purgatório, estão unidas aos demais membros da Igreja, e por isso os méritos da Igreja os podem socorrer”.⁴⁰

Neste período da reflexão teológica aparece-nos o Doutor da Igreja, São Tomás de Aquino (1225-1274). A sua obra de referência acerca desta temática é o seu *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*. Para São Tomás de Aquino, é no Purgatório que são perdoados os pecados leves, através da purificação pelo fogo. São Tomás elabora a distinção

³⁵ *Ibidem*, 336.

³⁶ *Ibidem*, 338.

³⁷ *Ibidem*, 338.

³⁸ *Ibidem*, 339.

³⁹ *Ibidem*, 339.

⁴⁰ *Ibidem*, 339.

entre pena de dano e pena de sentido. A pena de dano refere-se a privação da visão beatífica, que pode ser definitiva ou temporária. A pena de sentido é a dor que brota do adiamento da visão beatífica. São Tomás na esteira de São Boaventura enquadra o Purgatório numa dimensão eclesiológica: “o vínculo da caridade que une todos os membros da Igreja faz possível que os sufrágios dos vivos ajudem os defuntos”.⁴¹

Nesta fase, a especulação teológica caracteriza-se pelo prolongar da herança agostiniana e da tradição eclesial. O Purgatório é analisado na ótica de um prolongar da dimensão penitencial. Contudo, é valorizada a dimensão da comunhão dos santos, progredindo a teologia do Purgatório para uma visão cada vez mais eclesiológica. Segundo Jacques Le Goff, é nesta etapa que ocorre o nascimento do Purgatório, ou seja, acontece a passagem de adjetivo para substantivo.⁴² Consequentemente, o Purgatório foi apresentado mais como um “lugar” do que estado.

No ano de 1054, a Cristandade é abalada por uma cisão de enormes proporções que se estende no tempo: oficializa-se a rutura de comunhão plena entre os cristãos orientais (ortodoxos) e a Igreja Católica. Desde esta data, em diferentes ocasiões, existiram tentativas de restaurar a união. No entanto, para estes movimentos restauracionistas existia uma panóplia de assuntos teológicos controversos, entre eles o Purgatório. Como analisámos anteriormente, o núcleo laboral da reflexão do Purgatório moveu-se em duas mundividências: a reflexão teológica ocidental e oriental, muito mais inclusivas do que exclusivas. A teologia ocidental demarcava-se pelo seu carácter mais compacto, concreto e sistematizado, face à teologia oriental mais direccionada para a especulação, numa palavra para o apofático. A partir do século XIII, o Magistério eclesiástico é chamado a intervir na resolução e clarificação destas temáticas teológicas.

⁴¹ *Ibidem*, 341.

⁴² “Segundo J. le Goff, o passo de adjetivo «fogo purgatório» ao substantivo «purgatório» se deu por 1170. A primeira menção do substantivo encontra-se num sermão atribuído a Hilberto de Lavardin, bispo de Le Mans, restituído a Pedro o Comedor, seguido em breve por Odón de Urscamp” in *Ibidem*, 337-338.

O primeiro marco de referência é uma carta escrita pelo Papa Inocêncio IV (1254) ao bispo de Túsculo, legado da Sé Apostólica junto dos gregos. Esta carta, no referente ao Purgatório declara que,

“também os próprios gregos, segundo o que se diz, segundo a verdade e sem nenhuma dúvida creem e afirmam que as almas daqueles que receberam, mas não cumpriram a penitência, ou então os que morreram sem pecado mortal, mas com pecados veniais ou de pouca monta, são purificados depois da morte e podem ser ajudados com as orações de sufrágio da Igreja. Ora, porque dizem que o lugar de tal purificação não lhes foi indicado com o nome preciso e peculiar pelos seus doutores, Nós, que segundo a tradição e autoridade dos santos Padres «o» denominamos de “purgatório”, queremos que, de agora em diante, seja por eles chamado com este nome”⁴³.

Depois desta epístola, o marco mais relevante para o debate acerca do Purgatório é a famosa Profissão de Fé de Miguel Paleólogo⁴⁴, redigida no Concílio II de Lyon (1274). Esta Profissão de Fé propõe que

“ se tiverem falecido em verdadeira penitência na caridade, antes de haver satisfeito com frutos dignos de penitência pelo que cometeram ou deixaram de fazer, as suas almas são purificadas depois da morte, com penas purificadoras, ou seja, catartérias, como nos aclarou frei João; e para aliviá-las de penas de tal género são-lhes úteis os sufrágios dos fiéis vivos, quer dizer, os sacrifícios das missas, as orações, as esmolas e outros exercícios de piedade que os fiéis costumam fazer em prol de outros fiéis, segundo as orientações da Igreja”⁴⁵.

Esta profissão de fé tende a ser uma solução de compromisso que possibilite o restabelecimento da comunhão plena com os orientais. Nesta orientação, este documento apresenta uma postura diferente, destacando-se duas coisas:

“A primeira é que desaparece menção do purgatório como «lugar» e omite-se a menção do fogo... A segunda é que se mencionam expressamente como sufrágios pelos

⁴³ Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, nº 838.

⁴⁴ “Na 4ª sessão foi lida, na presença do Papa, a profissão de fé do imperador Miguel Paleólogo, contida na sua carta *Quoniam missi sunt*. Esta fórmula de profissão de fé já tinha sido proposta à assinatura do imperador por Clemente VI em 1267... Em 1 ago. 1385, esta fórmula de fé foi prescrita por Urbano VI aos gregos que passavam para a Igreja Católica” in *Ibidem*, 300.

⁴⁵ *Ibidem*, n. 856.

defuntos a Missa, a oração e a esmola, as mesmas obras de piedade que Tomás de Aquino considerava especialmente apropriadas”.⁴⁶

Esta profissão de fé irá ser o modelo de linguagem dos documentos posteriores do Magistério da Igreja face a esta problemática. Neste Concílio, a Igreja optou por uma linguagem mais sóbria, frugal e concreta.

A linha de abordagem adotada em Lyon terá continuidade no Concílio de Florença (1439), com a Bula sobre a união com os gregos *Laetentur caeli*.⁴⁷ Esta Bula professa que:

“Igualmente, se os verdadeiros penitentes faleceram no amor de Deus, antes de terem satisfeito com frutos dignos de penitência o que cometeram ou deixaram de fazer, suas almas são purificadas depois da morte com penas do purgatório; e para que recebam alívio destas penas ajudam-nos os sufrágios dos fiéis vivos, como o sacrifício da missa, as orações, as esmolas, e outras práticas de piedade que os fiéis costumam oferecer pelos outros fiéis, segundo as disposições da Igreja”.⁴⁸

Este Concílio, na esteira de Lion, também optou por uma linguagem mais sóbria, evitando apresentar o Purgatório como um lugar.

Nesta fase da história reconhece-se uma clara diferença entre a reflexão teológica e as intervenções do Magistério eclesial. Em relação à primeira existe uma tendência para o uso de uma linguagem mais “localizante” e especulativa do Purgatório. Em contrapartida, o Magistério destaca-se pelo recurso a uma linguagem mais sóbria, cautelosa tendo como finalidade a concretização de uma solução de compromisso com os orientais separados.

⁴⁶ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvación*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 346.

⁴⁷ “Na disputa acerca do local onde tratar com os gregos sobre a reunificação, Eugênio IV, em 18 set. 1437, pela constituição *Doctoris gentium*, deslocou o concílio para Ferrara...Em Ferrara, o concílio começou em 8 de jan. 1438. Depois de 16 sessões foi deslocado para Florença, onde em 26 fev. 1439 teve lugar a primeira sessão geral. Depois de difíceis tentativas, em 28 jun. 1439 foi redigido o decreto sobre a união com os gregos, subscrito em 5 jul. e tornado público um dia depois”, in Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, 358.

⁴⁸ Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, n° 1304.

3. Na Baixa Idade Média: Dante Alighieri e Santa Catarina de Génova

Os últimos séculos da Idade Média (XIV e XV) constituem o período áureo para o desenvolvimento da teologia e da doutrina do Purgatório, graças a duas personalidades ímpares, Dante Alighieri (1265-1321) e Santa Catarina de Génova (1447-1516).

Dante Alighieri na sua obra *Divina Comédia*⁴⁹ dedica a segunda parte ao tema do Purgatório. Nesta sua *opus magnum* procede à uma das maiores síntese de recolha e compactação de dados relativos ao Purgatório, feita até ao seu tempo. Dante expressou na *Divina Comédia* de forma profunda a função intermediária do Purgatório,

“... não é um lugar intermediário neutro, é orientado. Vai da terra onde os futuros eleitos morrem, ao céu onde fica a sua morada eterna. No decurso do seu itinerário elas purgam-se, tornam-se cada vez mais puras, aproximam-se sempre mais do topo, das alturas a que se destinam. De entre todas as imagens geográficas que o imaginário do além oferecia a Dante... ele escolhe a única que exprime a verdadeira lógica do Purgatório, aquela onde se sobe, a montanha”.⁵⁰

Dante compreende o Purgatório como um processo ascendente de amadurecimento que possui o seu ponto de partida no início da vivência terrena e prolonga-se no período pós-morte até atingir o grau de amadurecimento que permite a integração na “pátria do amor trinitário”.

O poeta não se deixa contaminar com a visão do Purgatório como antecâmara do Inferno; para ele, o Purgatório é o “lugar da esperança e do início da bem-aventurança, da entrada progressiva na luz”.⁵¹ O modo como Dante simboliza a diferença entre o Purgatório e o Inferno é colocando as almas do Purgatório em constante oração e cantando. O florentino, fiel a tradição recebida, não se esqueceu do tema dos sufrágios dos vivos pelos defuntos. Neste sentido, coloca na boca de uma das personagens da obra a seguinte afirmação “pois

⁴⁹ Dante Alighieri escreveu a *Divina Comédia* entre o seu exílio em Florença em 1302 e a sua morte em Ravena em 1321. Esta obra encontra-se dividida em três partes: Inferno (34 cantos), Purgatório (33 cantos) e Paraíso (33 cantos).

⁵⁰ Jacques LE GOFF, *O Nascimento do Purgatório*, Editorial Estampa, Lisboa, 1995², 398.

⁵¹ *Ibidem*, 410.

aqui, com a ajuda dos de lá de baixo, pode-se avançar muito”.⁵² Por fim, Dante representa o triunfo do tema do Purgatório nas artes, dando um contributo para o imaginário do Purgatório dos séculos posteriores, que nem sempre compreenderam a teologia exposta na *Divina Comédia*.

Santa Catarina de Génova, mística italiana do século XV, representa o triunfo da mística no tema do Purgatório, através do seu *Tratado do Purgatório*.⁵³ É uma das personagens da vida da Igreja que melhor compreende e expressa a realidade do Purgatório.⁵⁴ Santa Catarina trouxe para a teologia uma enorme frescura acerca deste tema, com uma visão original sobre o mesmo. Primeiramente, Santa Catarina elabora uma analogia entre as almas do Purgatório e a experiência das almas que vivem na condição terrena, ou seja, durante a nossa condição de peregrinos também sofremos um processo de purificação, que poderíamos afirmar que se prolonga em alguns casos para além da morte.

Uma das tónicas mais originais, e quiçá inovadoras para o seu tempo, é a ideia de que as almas são felizes no Purgatório. Esta felicidade está ligada ao facto de as almas do Purgatório saberem que estão salvas, e que se preparam para ir ao encontro de Deus.

“Não há felicidade comparável às almas no purgatório, a não ser a dos santos no céu, e tal felicidade cresce incessantemente por influência de Deus, à medida que os impedimentos vão desaparecendo. Tais impedimentos são como a ferrugem e a felicidade das almas aumenta à medida que esta ferrugem diminui”.⁵⁵

⁵² DANTE ALIGHIERI, *Divina Comédia*, Canto III, 145.

⁵³“O texto que descreve a sua vida e o seu pensamento foi publicado nessa cidade da Ligúria em 1551; ele é dividido em três partes: a *Vida* propriamente dita, a *Demonstração e declaração do purgatório* — mais conhecida como *Tratado* — e o *Diálogo entre a alma e o corpo* (cf. *Livro da Vida admirável e da doutrina santa, da beata Catarina de Génova, que contém uma útil e católica demonstração e declaração do purgatório*, Génova, 1551). O redactor final foi o confessor de Catarina, o sacerdote Cattaneo Marabotto” BENTO XVI, *Santa Catarina de Génova*, in *L’Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, (15/01/2011), 3.

⁵⁴ “O pensamento de Catarina sobre o purgatório, pelo qual ela é particularmente conhecida, está condensado nas últimas duas partes do livro citado no início: o *Tratado* sobre o purgatório e o *Diálogo entre a alma e o corpo*. É importante observar que, na sua experiência mística, Catarina jamais tem revelações específicas sobre o purgatório ou sobre as almas que ali estão a purificar-se” *Ibidem*, 3.

⁵⁵ Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 149.

Outra intuição de Santa Catarina é a que procede à diferenciação entre as almas do Purgatório, e aquelas que estão no Inferno: “a radical diferença entre as almas que estão no purgatório e das almas que estão no inferno: as almas do inferno estão em puro ódio, enquanto que, como afirma Catarina, «as almas do purgatório estão em pura caridade e não podem afastar-se da pura caridade...»”.⁵⁶ A mística genovesa “resgata” o Purgatório do Inferno, “posicionando” o Purgatório no seu devido “lugar” como antecâmara do Céu.

Contudo, este processo de purificação é marcada pela dor e pelo sofrimento. Na raiz deste sofrimento encontra-se o pecado, como realidade que aliena o ser humano de um contacto mais íntimo e profundo com Deus. Afirma a mística que, “mesmo quando a alma está sem pecado, tem todavia os seus resquícios. Não pode, por tanto, possuir a Deus, ainda que o deseje infinitamente. Daqui nasce a sua pena, que é uma pena de amor, e esta pena diminui cada vez mais à medida que se aproxima do momento de unir-se a Deus”.⁵⁷ Assim escreve Santa Catarina citada por Lívio Fanzaga e Leonardo Boff:

“as almas vão de bom agrado ao purgatório, porque ao ver em si mesmas a ferrugem do pecado que as impede de unir-se a Deus...lançam-se dentro dele «ao ponto e de bom agrado, com o fim de poder aceder a Deus quanto antes»”⁵⁸ e “As almas sofrem voluntariamente as suas penas que não desejariam o menor alívio, por conceberem quão justas são”.⁵⁹

Para Santa Catarina, as almas, depois do juízo particular, apercebem-se da sua imperfeição e necessidade de purificação. Poderíamos ter em nosso horizonte o episódio da sarça-ardente, em que Deus obriga Moisés⁶⁰ a tirar as sandálias, pois pisava solo sagrado,

⁵⁶ Lívio FANZAGA, *Mirada sobre la eternidad. Muerte, juicio, infierno, paraíso*, Descleé de Brouwer, Bilbao, 2005, 138.

⁵⁷ *Ibidem*, 139.

⁵⁸ *Ibidem*, 140.

⁵⁹ Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 150.

⁶⁰ “O Anjo de Yahweh apareceu-lhe numa chama de fogo, do meio de uma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. Então disse Moisés: «Darei uma volta e verei este fenómeno estranho; verei por que a sarça não se consome.» Viu Yahweh que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: «Moisés, Moisés!» Este respondeu: «Eis-me aqui.» Ele disse: «não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa»” (Ex 3,2-5) .

necessitava de soltar-se da sua vida antiga, como aconteceu ao Profeta Eliseu⁶¹ que queimou o seu arado como sinal de remover a sua vida passada, pois iria consagrar-se totalmente a Deus. Para a mística genovesa, a finalidade do Purgatório consiste em “concluir: vede bem que tudo o que é profundamente humano, o nosso Deus todo-poderoso e misericordioso transforma-o radicalmente. Não é outra a obra que se leva a cabo no purgatório”.⁶²

Em síntese, segundo Lívio Fanzaga a chave da compreensão do Purgatório no pensamento de Santa Catarina de Génova é o amor: “ O conceito de amor explica tanto a alegria como o sofrimento que se encontram juntos no purgatório: alegria porque existe certeza da união com Deus, sofrimento porque a união é atrasada”.⁶³

4. Na época da Reforma e Contra-Reforma

Na convulsão do século XVI, “Calvino, reformador de Genebra, mandou açoitar uma mulher surpreendida a rezar junto do túmulo do filho, culpada, portanto, para ele, de «superstição»”.⁶⁴ Este episódio da vida de Calvino (1509-1564) mostra que o tema do Purgatório não é ignorado nas controvérsias teológicas do século XVI. O iniciador de todo este debate é Martinho Lutero (1483-1546). No início da contestação, Lutero não nega a existência do Purgatório. Inicialmente aceitava a existência do Purgatório, “baseando-se principalmente na tradição patrística, mas sem captar, segundo parece, a incoerência que

⁶¹ “Partindo dali, Elias encontrou Eliseu filho de Safat enquanto trabalhava doze arapenes de terra, ele próprio no décimo segundo. Elias passou perto dele e lançou sobre ele o seu manto. Eliseu abandonou seus bois, correu atrás de Elias e disse: «Deixa-me abraçar meu pai e minha mãe, depois te seguirei.» Elias respondeu: «Vai e volta; pois que te fiz eu?» Eliseu afastou-se de Elias e, tomando a junta de bois, a imolou. Serviu-se da lenha do arado para cozinhar a carne e deu-a ao pessoal para comer. Depois levantou-se e seguiu Elias na qualidade de servo” (1 Rs 19,19-21).

⁶² Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 150.

⁶³ Lívio FANZAGA, *Mirada sobre la eternidad. Muerte, juicio, infierno, paraíso*, Descleé de Brouwer, Bilbao, 2005, 141.

⁶⁴ Vittorio MESSORI, *Diálogos sobre a Fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 2005, 122.

introduzia no seu sistema”.⁶⁵ Um dado que negou sempre foi a impossibilidade de provar a existência do Purgatório através da Sagrada Escritura; mesmo estando implícito no 2 Livro dos Macabeus, não considerava este livro canônico, logo não era vinculativo para a fé.⁶⁶

Em 1520, o Papa Leão X através da Bula *Exsurge Domine* condenou algumas proposições defendidas por Lutero, entre a quais:

“37. O purgatório não pode ser provado mediante a Sagrada Escritura contida no cânon; 38. As almas do purgatório não estão seguras da própria salvação, ao menos nem todas; e não está provado por nenhum argumento racional, nem pela Escritura, que elas se encontram fora da condição de merecer a caridade ou de crescer nela; 39. As almas do purgatório pecam de modo contínuo sempre que procuram repouso e têm horror das penas; 40. As almas libertadas do purgatório pelos seus sufrágios dos que estão vivos gozam menor felicidade que se tivessem cumprido a satisfação por si mesmas”.⁶⁷

Nestas condenações, facilmente entramos no âmago das críticas luteranas: a impossibilidade de comprovar a existência do Purgatório recorrendo à Bíblia e a dificuldade de compreensão do processo de purificação ultraterrena.

Lutero considera a crença no Purgatório promotora da prática das indulgências, que se podiam lucrar para serem aplicadas aos fiéis defuntos, e uma aplicação nestas últimas de uma intercessão que não a de Cristo e dos seus méritos. Na ótica luterana procedia-se à aplicação de obras humanas aos defuntos.

Depois desta primeira fase de aceitação do Purgatório por via da tradição e não da Escritura, Lutero repara na incongruência da crença do Purgatório face ao seu sistema de justificação. Neste momento, entra na fase da negação total da crença no Purgatório. Esta fase

⁶⁵ Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 287.

⁶⁶ “Na disputa de Leipzig, em 1519, Lutero nega apenas que o purgatório possa ser provado pela Escritura (tese 37). Em 1521, no seu panfleto De abroganda Missa, ensina que não teme enganar-se ao negar o purgatório. Na confissão de Ausburgo, a questão do purgatório não é abordada graças ao desejo conciliador e à tendência catolicizante de Melanchton” in Maria Manuela CARVALHO, *A Consumação do Homem e do Mundo*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2002, 141.

⁶⁷ Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, n° 1487.

situa-se em 1530 com a escrita do célebre manifesto *Widerruf vom Fegfeuer*⁶⁸ (Retratação do Purgatório). Para se compreender esta negação total do Purgatório, é preciso compreender a doutrina da justificação luterana. Para o reformador alemão, “a justificação há-de consistir, por conseguinte, na ação pela qual Deus, em vez de imputar ao ser humano o seu pecado, o imputa a justiça de Cristo. Se trata, pois, antes de tudo, de uma declaração, em virtude da qual Deus tem por justo ao que era (e continua sendo) pecador”⁶⁹, ou seja, segundo a ótica luterana, seria absurdo a existência de uma purificação ultraterrena, pois o ser humano já foi justificado pelos méritos de Cristo. “Como admitir por conseguinte, que o justificado tenha de purificar-se todavia, antes da entrada no céu? O defeito da sua santidade seria o defeito da santidade que o imputa, isto é, a mesma santidade do Filho”⁷⁰.

Martinho Lutero não foi o único a abordar a temática do Purgatório; o reformador francês, João Calvino, escreveu na sua obra *Institutio christiana*: “faz já mil e trezentos anos que se introduziu o costume de orar pelos defuntos. Todos os antigos se deixaram arrastar por este erro. Eu creio que se guiaram por um sentimento humano: não os devemos imitar nisto”⁷¹. Do mesmo modo, o reformador de Zurique, Zuínglio nega a existência deste estado, por causa da impossibilidade de uma intervenção da Igreja, num processo de justificação somente pela fé.

A resposta a este movimento contestatário evangélico opera-se no Concílio de Trento (1545-1563). O Concílio de Trento trata do Purgatório nos seguintes decretos: Decreto *sobre a Justificação*⁷², Decreto *sobre a Doutrina do Santo Sacrifício da Missa*⁷³ e no Decreto *sobre*

⁶⁸ “Em *Widerruf vom Fegfeuer*, Lutero lança uma longa diatribe contra a tese católica da existência do purgatório, contra os textos da Escritura normalmente apresentados e contra a comercialização que esta doutrina proporciona”, in Maria Manuela CARVALHO, *A Consumação do Homem e do Mundo*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2002, 141.

⁶⁹ Juan RUIZ DE LA PEÑA, *El don de Dios. Antropología teológica especial*, Editorial *Sal Terrae*, Santander, 1991, 290.

⁷⁰ IDEM, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 287.

⁷¹ JOÃO CALVINO, *Institutio christiana*, 3, 5, 10.

⁷² Este decreto foi promulgado na 6ª sessão do Concílio de Trento no dia 13 de janeiro de 1547; “No decreto são afastadas sobretudo as doutrinas de Lutero sobre a justificação e sobre a cooperação do homem com a graça, além dos conceitos de João Calvino sobre a predestinação, mas também os erros doutrinários de Joviniano e Pelágio, que negaram a necessidade da graça para obter e conservar a justificação”, in Heinrich DENZINGER,

o Purgatório.⁷⁴ O Concílio de Trento abordou a temática do Purgatório nas prespectivas doutrinal e disciplinar.

A perspectiva doutrinal consolida-se no Decreto da Justificação: “ igualmente na satisfação, por jejum, esmolas, orações e outras práticas piedosas de vida espiritual, não certamente por causa da pena eterna, que, junto com a culpa, é perdoada mediante o sacramento ou o desejo do sacramento, mas por causada pena temporal”.⁷⁵ No cânone 30 deste mesmo decreto declara que:

“Se alguém disser que a qualquer pecador penitente, depois que recebeu a graça da justificação, é perdoada a culpa e cancelado o débito da pena eterna, de modo tal que não lhe fique débito algum de pena temporal para descontar neste mundo ou no futuro, no purgatório, antes que lhe sejam abertas as portas do reino dos céus; seja anátema”.⁷⁶

Na mesma linha doutrinal, o tema do Purgatório é invocado no *Decreto sobre a Doutrina do Santo Sacrifício da Missa*. Neste decreto, o tema do Purgatório aparece ligado ao tema da dimensão propiciatória da Eucaristia. No capítulo 2 expõe que:

“Os frutos desta oblação (cruenta) são recebidos abundantemente por esta oblação incruenta: só não pode admitir que, por esta, aquela seja de algum modo derogada (cân. 4). Por isso, segundo a tradição dos Apóstolos, é legitimamente oferecida não só pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades dos fiéis vivos, mas também pelos falecidos em Cristo ainda não plenamente purificados”.⁷⁷

O cânone 3 do referido decreto reforça a doutrina exposta na parte doutrinal deste decreto.⁷⁸

Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, 400.

⁷³ Este decreto foi promulgado na 22ª sessão de Concílio de Trento no dia 17 de setembro de 1562.

⁷⁴ Este decreto foi promulgado na 25ª sessão do Concílio de Trento no dia 3 de dezembro de 1563. “A questão do purgatório foi tratada – juntamente com a das indulgências – pela primeira vez, de 19 de jun. a 25 de jul. 1547 em Bolonha. No fim de nov. 1563, os padres conciliares a retomaram e com grande pressa formularam o decreto para terminar o mais breve possível o concílio”, in *Ibidem*, 458.

⁷⁵ *Ibidem*, nº 1543.

⁷⁶ *Ibidem*, nº 1580.

⁷⁷ *Ibidem*, nº 1743.

⁷⁸ “Cân. 3. Se alguém disser que o sacrifício da Missa só é de louvor e ação de graças, ou mera comemoração do sacrifício na cruz, porém não «sacrifício» propiciatório; ou que só aproveita a quem o recebe e não se deve

No plano disciplinar, num breve *Decreto sobre o Purgatório*, o Concílio expõe algumas orientações pastorais, que visam regular e melhorar a exposição desta temática pelos pastores. O Decreto exorta:

“Já que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecuménico, ensinou que o purgatório existe (cf. 1589) e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar (cf. 1743 e 1753), o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenham diligentemente para que a sã doutrina sobre o purgatório, transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte. Nas pregações populares dirigidas ao povo rude evitem-se as questões mais difíceis e subtis, que não levam à edificação e com as quais geralmente não se incrementa a piedade. Assim também não permitam que se divulguem e tratem pontos incertos ou que possam parecer falsos. Proíbam ainda, como escândalo e estorvo para os fiéis, aquelas questões que dizem respeito à curiosidade ou à superstição ou têm sabor de lucro torpe”.⁷⁹

A linguagem deste Concílio está em perfeita sintonia com os Concílios anteriores, optando por uma linguagem sóbria, simples e concreta. Segundo Franz Nocke, este decreto do Concílio de Trento “não afirma que no purgatório haja fogo, nem que seja lugar, nem que a purificação se estenda por um prazo determinado pelo tempo...Neste sentido, a crítica protestante teve um efeito purificador dentro da Igreja católica”.⁸⁰ Contudo, nota-se uma diferente acentuação: “os concílios anteriores mencionavam especialmente como sufrágios o sacrifício da missa, a oração, e a esmola, Trento contenta-se com a alusão específica á primeira”.⁸¹

Posteriormente ao encerramento do Concílio de Trento, o Purgatório é objeto de referência em profissões de fé ou em decretos relacionados com os cristãos orientais. Logo a seguir ao encerramento do Concílio, o Papa Pio IV (1559-1565) na Bula *Iniunctum nobis*

oferecer pelos vivos e defuntos, pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades: seja anátema” , in *Ibidem*, nº 1753.

⁷⁹ *Ibidem*, nº 1820.

⁸⁰ Franz-Josef NOCKE, *Escatología*, Herder, Barcelona, 1984, 169.

⁸¹ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 350.

(1564) professa veementemente: “Sustento com constância que existe o purgatório e que as almas ali prisioneiras são ajudadas pelos sufrágios dos fiéis”.⁸² Em contrapartida, os papas Gregório XIII (1572-1585) e Bento XIV (1740-1785) em decretos dirigidos aos cristãos orientais exponham a doutrina do Purgatório parafraseando o texto aprovado no Concílio de Florença, na Bula *Laetentur caeli* (1439).

Em balanço, até ao século XX o tema do Purgatório não será objeto de grandes novidades na reflexão teológica ou em declarações eclesiais; simplesmente se recapitula a doutrina exposta nos séculos pretéritos. Somente durante o século XX se irá operar, segundo a expressão de Yves Congar, o “purgatório do Purgatório”⁸³, ou seja, uma purificação e renovação da teologia sobre o Purgatório, libertando-se do imaginário distorcido criado nos séculos anteriores.

⁸² Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, n.º 1867.

⁸³ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1961, 87.

CAPÍTULO II – O PURGATÓRIO NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA SÉCULO XX ATÉ BENTO XVI

No contexto desta procura dos principais traços da identidade do Purgatório, e depois de uma incursão até às vésperas do século XX, vamos agora procurar destacar os principais contributos do século XX até hoje. Nos séculos XX e inícios do XXI os principais dados sobre o Purgatório encontram-se no ensinamento do Bispo de Roma e na sua ação colegial a nível conciliar e nos dicastérios romanos. Neste capítulo vamos dar maior relevo ao período do Concílio Vaticano II (1962-1965) e pós-conciliar, porque na primeira metade desta centúria o Purgatório não foi objeto de exposição doutrinal da parte dos Papas nem de significativas reflexões teológicas, procedendo-se basicamente a uma recapitulação da doutrina derivada do Concílio de Trento.

1. XXI Concílio Ecuménico Vaticano II

No século XX um dos acontecimentos eclesiais mais marcantes e fundamentais para a vivência cristã foi a realização do XXI Concílio Ecuménico, o segundo do Vaticano (1962-1965). Este Concílio opera uma renovação e atualização (*aggiornamento*) nas várias mundividências cristãs, incluindo a dimensão escatológica da mesma. O tema do Purgatório é objeto de intervenção e preocupação dos Padres Conciliares, que deixam a sua marca principalmente em dois documentos: Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

Em relação ao primeiro documento, a temática do Purgatório expõe-se no capítulo VII, intitulado “A Índole Escatológica da Igreja Peregrina e a Sua união com a Igreja celeste”. Neste capítulo é realçada a relação da comunhão dos santos, como se opera a interação entre

os cristãos em peregrinação, com aqueles que já se encontram na pátria do amor trinitário e com aqueles que realizam a sua fase final de purificação.

“Deste modo, enquanto o Senhor não vier na Sua majestade e todos os Seus anjos com Ele (cfr. Mt 25,31) e, vencida a morte, tudo Lhe for submetido (cfr. 1 Cor 15, 26-27), dos Seus discípulos uns peregrinam sobre a terra, outros, passada esta vida, são purificados, outros, finalmente, são glorificados e contemplam «claramente Deus trino e uno, como Ele é»; todos, porém, comungamos, embora em modo e grau diversos, no mesmo amor de Deus e do próximo, e todos entoamos ao nosso Deus o mesmo hino de louvor. Com efeito, todos os que são de Cristo e têm o Seu Espírito, estão unidos numa só Igreja e ligados uns aos outros n’Ele (cfr. Ef 4,16) ”.⁸⁴

No número 49, o texto conciliar ressalta a permanência dos vínculos espirituais entre os cristãos que vivem nos diferentes estados escatológicos; “de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, mas antes, segundo a constante fé da Igreja, é reforçada pela comunicação dos bens espirituais”.⁸⁵

No número 50 o texto conciliar aborda diretamente a interação entre os cristãos peregrinantes com os cristãos purificantes. Os Padres Conciliares sublinham a origem primitiva da oração pelos defuntos como núcleo primitivo desta doutrina e o multiseular hábito de oferecer sufrágios pelos defuntos.⁸⁶ No número 51, o Concílio reafirma a validade da doutrina emanada pelos Concílios antecessores⁸⁷. Na linha já apontada pelos concílios

⁸⁴ CONCÍLIO VATTICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, in AAS 57 (1965), 54-55.

⁸⁵ *Ibidem*, 55.

⁸⁶ “Reconhecendo claramente esta comunicação de todo o Corpo místico de Cristo, a Igreja dos que ainda peregrinam, cultivou com muita piedade desde os primeiros tempos do Cristianismo a memória dos defuntos e, «porque é coisa santa e salutar rezar pelos mortos, para que sejam absolvidos de seus pecados» (2 Mac 12,46), por eles ofereceu também sufrágios”, in *Ibidem*, 55.

⁸⁷ “Esta venerável fê dos nossos maiores acerca da nossa união vital com os irmãos que já estão na glória celeste ou que, após a morte, estão ainda em purificação, aceita-a este sagrado Concílio com muita piedade e de novo propõe os decretos dos sagrados Concílios Niceno II, Florentino e Tridentino”, in *Ibidem*, 57.

precedentes do Concílio Vaticano II, alerta para a prudência na hora de explicitar este mistério aos crentes, evitando-se visões distorcidas e imaginativas.

Segundo Ladaria, neste capítulo da Constituição *Lumen Gentium* optou-se por uma linguagem diferente face aos Concílios precedentes: “uso de uma linguagem bíblica; quase todo o texto está construído com citações ou alusões a passagens neotestamentárias... Modifica-se sensivelmente a tendência dos documentos magisteriais da Idade Média e de Trento, que devido a concretas circunstâncias históricas, tinham-se referido primariamente as questões da escatologia individual”.⁸⁸

Na Constituição *Gaudium et Spes* também existe uma breve referência ao tema do Purgatório no capítulo I “A Dignidade da Pessoa Humana”. Neste capítulo, no número 18, é feita a referência ao “germem de eternidade”⁸⁹ que habita o ser humano, como uma abertura inata para o transcendental. Também dentro deste número aborda-se a comunhão dos santos, na linha de que, diante da morte de um ente querido, os nossos laços afetivos e efetivos não se desfazem, ou seja, perdurará sempre uma comunhão espiritual.⁹⁰

Porém, o Concílio assume uma postura moderada no tratamento do Purgatório, não aceitando a proposta dos Padres Conciliares para a inclusão no texto conciliar da interação das almas do Purgatório em favor dos cristãos peregrinantes, deixando esta questão para a análise dos teólogos.⁹¹ No ensinamento conciliar optou-se pelo uso do vocábulo *purificação* em vez do substantivo *Purgatório*, com a finalidade de instruir os fiéis para pensar o Purgatório, mais como um estado ou etapa do que um lugar espaço-temporal.

⁸⁸ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 352.

⁸⁹ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, in AAS 58 (1966), 1038.

⁹⁰ “Esta vitória, alcançou-a Cristo ressuscitado, libertando o homem da morte com a própria morte. Portanto, a fé, que se apresenta à reflexão do homem apoiada em sólidos argumentos, dá uma resposta à sua ansiedade acerca do seu destino futuro; e ao mesmo tempo oferece a possibilidade de comunicar em Cristo com os irmãos queridos que a morte já levou, fazendo esperar que eles alcançaram a verdadeira vida junto de Deus”, in GS, 18.

⁹¹ Gérard PHILIPS, *L'Église et son mystère au II Concile du Vatican. Histoire, texte et commentaire de la Constitution Lumen Gentium*, I, ed. Desclée, Paris, 1967, 194.

O Concílio Vaticano II aborda a problemática do Purgatório em duas perspectivas dominantes: cristológica e eclesiológica. A abordagem destas duas dimensões é inovadora ao evitar uma abordagem do tema desenraizada e descontextualizada da vivência comunitária da fé. O Purgatório existe como uma experiência comunitária da fé, evitando-se uma visão individualista da experiência purificante, tendo como centro e referência Cristo.

2. Pontificado de Paulo VI

Aproximadamente dois anos depois da clausura do Concílio Vaticano II, em 1967, o Papa Paulo VI (1963-1978) proclama o Ano da Fé, pela ocasião dos 1900 anos do Martírio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, em Roma. O Pontífice promove esta iniciativa, nas suas palavras, “não só com a intenção de testemunhar nossa vontade inquebrantável de conservar sem corrupção o depósito da Fé (cf. 1Tm 6,20) que eles nos transmitiram, senão também para confirmar o nosso propósito de relacionar a mesma Fé com a vida dos tempos atuais, em que a Igreja deve peregrinar no mundo”.⁹²

Este Ano da Fé proclama-se num momento de agitação teológica no seio católico. O período posterior ao encerramento do Concílio Vaticano II caracteriza-se por um período de agitação na reflexão teológica, várias correntes de pensamento colocaram em causa certas verdades da fé. Neste contexto, o Pontífice, no encerramento de Ano da Fé, redige uma célebre Profissão de Fé, o Credo do Povo de Deus. O Papa convida todos os fiéis a confessarem a sua fé: “que esta nossa profissão de fé seja suficientemente explícita e completa para satisfazer, de maneira adequada, a necessidade de luz que angustia a tantos fiéis e a todos aqueles que no mundo buscam a Verdade, seja qual for o grupo espiritual a que pertençam”.⁹³

⁹² PAULO VI, Solene Profissão de Fé Credo Povo de Deus, in *AAS* 60 (1968), 433.

⁹³ *Ibidem*, 435.

Esta profissão de fé tem como base os tradicionais Símbolos da Fé cristã: Apostólico e o Niceno-constantinopolitano, nos quais o Romano Pontífice desenvolve os artigos tradicionais. No referente ao Purgatório, o Bispo de Roma analisa, no contexto dos últimos dois artigos do Credo, a vida eterna e a comunhão dos santos.⁹⁴ Estes dois artigos são abordados principalmente numa perspetiva eclesiológica, expondo o Papa que as almas do Purgatório pertencem ao Povo de Deus, “quer as que se devem ainda purificar no fogo do Purgatório, quer as que são recebidas por Jesus no Paraíso, logo que se separam do corpo, como sucedeu com o Bom Ladrão -, formam o Povo de Deus para além da morte”.⁹⁵

Nesta Profissão de Fé, o Purgatório é analisado principalmente na sua vertente eclesiológica. O Romano Pontífice sublinha a dimensão comunitária do Purgatório e dos laços que unem os cristãos através da oração.

3. Pontificado de João Paulo II

Durante o pontificado de João Paulo II (1978-2005) o tema do Purgatório é objeto de análise em diferentes momentos. A primeira ocasião de exposição doutrinal sobre o Purgatório é da responsabilidade da Congregação para a Doutrina da Fé, no documento “Carta sobre algumas questões respeitantes à Escatologia”, de 1979. Este documento surge num contexto de certa rejeição e incerteza sobre as verdades da fé relativas ao artigo do Credo referente à Vida Eterna.

⁹⁴ “Cremos na comunhão de todos os fiéis de Cristo, a saber: dos que peregrinam sobre a terra, dos defuntos que ainda se purificam e dos que gozam da bem-aventurança do céu, formando todos juntos uma só Igreja. E cremos igualmente que nesta comunhão dispomos do amor misericordioso de Deus e dos seus Santos, que estão sempre atentos para ouvir as nossas orações, como Jesus nos garantiu: "Pedi e recebereis" (cf. Lc 10,9-10; Jo 16,24). Professando está fé e apoiados nesta esperança, nós aguardamos a ressurreição dos mortos e a vida do século futuro”, in *Ibidem*, 446.

⁹⁵ *Ibidem*, 444.

“Sendo assim, como se pode ignorar o mal-estar e a perturbação de que muitos ficam possuídos, em relação com este ponto? Quem não vê que a dúvida se insinua subtilmente e chega a atingir mesmo o mais profundo dos espíritos? E muito embora os cristãos na maior parte dos casos, felizmente, não cheguem à dúvida positiva, sucede que muitos se abstêm de pensar no destino que os espera para além da morte, porque começam a pressentir problemas a que receiam ter de dar uma resposta: Existirá alguma coisa para além da morte? Subsistirá alguma coisa de nós mesmos depois da morte? Não será porventura o nada que nos espera?”⁹⁶

Diante deste cenário de certa instabilidade, a Congregação sente-se no dever de expor a doutrina cristã referente à vida eterna. “Não se trata, obviamente, de coarctar ou então de impedir a investigação teológica, da qual a fé da Igreja tem necessidade e de cujos resultados, portanto, há-de poder aproveitar; isso, porém, de maneira nenhuma permite descurar o dever de tempestivamente salvaguardar a fé dos cristãos, quanto àqueles pontos que são postos em dúvida”.⁹⁷

Nesta orientação, o documento aborda a temática do Purgatório de uma forma breve, carecendo de uma reflexão teológica mais profunda. Nesta carta salienta-se que a oração pelos defuntos é uma prática antiquíssima na vida da Igreja, por isso, opõe-se a qualquer forma de pensamento que desvalorize esta expressão da fé cristã. Afirma, de forma clara, que depois da morte existe uma “pena que há-de castigar para sempre o pecador que for privado da visão de Deus, e ainda na repercussão desta pena em todo o «ser» do mesmo pecador. E por fim, ela crê existir para os eleitos uma eventual purificação prévia à visão de Deus, a qual no entanto é absolutamente diversa da pena dos condenados. É isto o que a Igreja entende quando ela fala de Inferno e de Purgatório”.⁹⁸ Por fim, a última referência ao tema do Purgatório consiste

⁹⁶ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta sobre algumas questões respeitantes à Escatologia*, in AAS 71 (1979), 940.

⁹⁷ *Ibidem*, 940.

⁹⁸ *Ibidem*, 941-942.

numa advertência para os agentes pastorais,⁹⁹ a fim de que evitem a representação fantasiosa da vida eterna, em consonância com advertências anteriores feitas principalmente nos concílios ecumênicos.

O segundo momento de reflexão sobre o Purgatório ocorre num documento emanado da Comissão Teológica Internacional, em 1990 e intitulado “Algumas questões atuais sobre Escatologia”.¹⁰⁰ Em linha com o mesmo motivo¹⁰¹ que impulsionou a Congregação para a Doutrina da Fé a redigir o documento Escatológico de 1979, o mesmo clima impulsionou esta Comissão. Diante de um ambiente adverso à proposta cristã de vida eterna e de uma certa penumbra teológica, os membros desta Comissão sentiram urgência de escrever um documento a clarificar a fé cristã no referente à vida eterna.

“Sem dúvida, que o mundo atual põe múltiplas insidias à esperança cristã. Pois o mundo atual está fortemente afetado pelo secularismo, «o qual consiste em uma visão autonomista do homem e do mundo, que prescindem da dimensão do mistério, a descuida e inclusivo a nega. Este imanentismo é uma redução da visão integral do homem»”.¹⁰²

Embora o documento se debruce particularmente sobre a temática da ressurreição dos mortos, não negligencia o tratamento das outras realidades escatológicas, entre elas o Purgatório.¹⁰³ Em relação à purificação ultraterrena, este documento consagra um número à

⁹⁹ “Pelo que respeita à condição do homem depois da morte, há que precaver-se particularmente contra o perigo de representações fundadas apenas na imaginação e arbitrarias, porque o excesso das mesmas entra em grande parte nas dificuldades que muitas vezes a fé cristã encontra”, in *Ibidem*, 942.

¹⁰⁰ Cándido POZO (dir.), *Documentos 1969-1996. Comisión Teológica Internacional*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1998, 455-498.

¹⁰¹ “Este texto tenta situar-se no contexto da «secularização» ambiental e fazer frente a certas formas de messianismo temporal, que reintegram as afirmações escatológicas na imanência da nossa história. Os autores (deste documento) tentam, pelo contrário, manter uma «escatologia das almas» ou uma «etapa escatológica intermédia» dos eleitos, que estão já em Cristo, ainda que tenham que esperar a ressurreição do seu corpo”, in Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 355.

¹⁰² *Ibidem*, 456.

¹⁰³ “Também a Igreja confessa que qualquer mancha é impedimento para o encontro íntimo com Deus e com Cristo. Neste princípio entender-se-á não só as manchas que rompem e destroem a amizade com Deus, e que, por tanto, se permanecem na morte, fazem o encontro com Deus definitivamente impossível (pecados mortais), senão também os que escurecem essa amizade têm que ser previamente purificados para que esse encontro seja possível”, in *Ibidem*, 486-487.

sua abordagem. Curiosamente, o documento nunca utiliza o substantivo Purgatório, preferindo a expressão *estado de purificação*. Na análise deste *estado de purificação* o documento ressalta a exigência da purificação para o encontro definitivo com Deus, recorrendo à analogia do episódio do lava-pés (Jo 13,10).¹⁰⁴ Este documento, em sintonia com os documentos precedentes, sublinha a oração pelos defuntos como o núcleo germinal desta verdade da fé, que teve os seus começos em termos de explicitação teológica em pleno século III. “É absolutamente necessário conservar a prática de orar pelos defuntos. Nesta se contem uma profissão de fé na existência deste estado de purificação”.¹⁰⁵

O terceiro momento em que se aborda explicitamente o tema do Purgatório, ocorre no *Catecismo da Igreja Católica*, dado no dia 11 de outubro de 1992. Este documento do Magistério enquadra-se numa perspetiva catequética. Por isso, a doutrina do Purgatório exposta no Catecismo salienta as principais verdades de fé relativas ao mesmo. “Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu”.¹⁰⁶

Os principais elementos doutrinários relativos ao Purgatório são: a sua existência, a necessidade de integralidade diante de Deus, hábitos salutares para o sufrágio das almas do Purgatório (Eucaristia, oração, esmola, indulgências e as obras da caridade).¹⁰⁷ O Catecismo afirma a unanimidade entre a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura na exposição da existência deste estado de purificação.¹⁰⁸

¹⁰⁴ Conferir *Ibidem*, 487.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 487.

¹⁰⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999², nº 1030.

¹⁰⁷ “Esta doutrina apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, de que já fala a Sagrada Escritura: «Por isso, (Judas Macabeu) pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas» (2 Mac 12,46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor, particularmente o Sacrifício eucarístico, para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos” CEC, nº 1032.

¹⁰⁸ CEC, nº 1031.

O quarto momento de reflexão do Purgatório é da autoria de São João Paulo II, numa catequese proferida em 1999. Nesta catequese, o Pontífice analisa o tema do Purgatório preferencialmente numa perspetiva bíblica. Primeiramente, aborda o Antigo Testamento, sublinhando o princípio da integridade¹⁰⁹, ou seja, as prescrições veterotestamentárias que insistem em que, aquilo que seja oferecido a Deus, quer seja a nível sacrificial, quer seja a nível de consagração deve ser escrupulosamente íntegro: “aquilo que é destinado a Deus deve ser perfeito”.¹¹⁰ Este princípio de integridade, inicialmente aplicado a nível físico, tem também uma aplicação a nível espiritual, melhor dito: “a exigência da integridade impõe-se evidentemente depois da morte, para o ingresso na comunhão perfeita e definitiva com Deus. Quem não tem esta integridade deve passar pela purificação”.¹¹¹

O Papa retira do Antigo Testamento o princípio da integridade, no entanto no Novo Testamento vai salientar a dimensão cristocêntrica do Purgatório. O Pontífice salienta a dimensão sacerdotal de Cristo, como Aquele que nos purifica de todo o pecado, porém esta “oferta de misericórdia não exclui o dever de nos apresentarmos puros e íntegros diante de Deus”.¹¹² O processo de purificação apela ao compromisso dos cristãos. Na cooperação na obra salvífica de Cristo, neste processo de purificação, não somos amorfos nem passivos; exige-se uma tomada de posição face ao convite de purificação de “toda a imundície da carne e do espírito”.¹¹³ O Papa, no exercício do seu ministério de confirmar os irmãos na fé, exorta os fiéis a acolher o Purgatório não como um “lugar”, mas antes como uma “condição de vida”.

¹⁰⁹ “A exigência da integridade impõe-se evidentemente depois da morte, para o ingresso na comunhão perfeita e definitiva com Deus. Quem não tem esta integridade deve passar pela purificação. É um texto de São Paulo que o sugere. O Apóstolo fala do valor da obra de cada um, que será revelada no dia do juízo, e diz: «Se a obra construída subsistir, o construtor receberá a paga. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá a perda. Ele, porém, será salvo, como que através do fogo» (1 Cor 3,14-15)”, in JOÃO PAULO II, “O purgatório: necessária purificação para o encontro com Deus”, in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, (07/08/1999), 8.

¹¹⁰ *Ibidem*, 8.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ *Ibidem*.

Por fim, expõe a dimensão comunitária do Purgatório. Este processo de purificação ultraterreno não quebra os laços entre os crentes, pelo contrário solicita a “solidariedade eclesial”¹¹⁴, primordialmente, na oração, sufrágios e no exercício da caridade. Deste modo, o Purgatório transforma-se em momento de fortalecimento dos laços eclesiais.

Em síntese, o pensamento de João Paulo II brota da exigência da integridade do crente diante de Deus, porém esta integridade é vivida no acolhimento do mistério salvífico de Cristo, o verdadeiro purgante dos nossos resquícios, fazendo do Purgatório uma experiência comunitária da fé. “Assim como na vida terrena os crentes estão unidos entre si no único Corpo místico... A purificação é vivida no vínculo essencial que se cria entre aqueles que vivem a vida do século presente e os que já gozam a bem-aventurança eterna”.¹¹⁵

4. Pontificado de Bento XVI

O ponto culminante na reflexão sobre o Purgatório ocorre no Pontificado de Bento XVI¹¹⁶ (2005-2013), de uma modo particular na Carta Encíclica *Spe Salvi*, documento dado em 30 de novembro de 2007.

Contudo, antes desta Carta Encíclica, o Romano Pontífice já tinha feito uma breve abordagem ao tema do Purgatório na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, dado em 22 de fevereiro de 2007. Neste documento, o Bispo de Roma exorta para a necessidade do salutar hábito de aplicação da Eucaristia como sufrágio pelos defuntos.

¹¹⁴ *Ibidem.*

¹¹⁵ *Ibidem.*

¹¹⁶ O Papa Bento XVI já tinha abordado esta temática do Purgatório, na sua elaboração teológica na década de setenta. Joseph Ratzinger, na sua elaboração como teólogo, concebe o Purgatório numa perspectiva fortemente cristológica, pois o fogo purificador é o próprio Cristo, que configura o ser humano conforme o Seu corpo glorioso. O pensamento expresso pelo Papa no exercício do seu *munus docendi* vem em perfeita sintonia com a sua reflexão teológica. Existe uma total continuidade entre a elaboração extológica de Joseph Ratzinger e a produção de Magistério de Bento XVI.

“A celebração eucarística, na qual anunciamos a morte do Senhor e proclamamos a sua ressurreição enquanto aguardamos a sua vinda gloriosa, é penhor da glória futura, quando mesmo os nossos corpos serão glorificados. Ao celebrarmos o memorial da nossa salvação, reforça-se em nós a esperança da ressurreição da carne juntamente com a possibilidade de encontrarmos de novo, face a face, aqueles que nos precederam com o sinal da fé. Nesta linha, queria, juntamente com os padres sinodais, lembrar a todos os fiéis a importância da oração de sufrágio, particularmente a celebração de Missas, pelos defuntos para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. Sempre que descobrimos de novo a dimensão escatológica presente na Eucaristia, celebrada e adorada, somos apoiados no nosso caminho e confortados na esperança da glória (Rm 5, 2; Tt 2,13)”.¹¹⁷

Porém, é na Encíclica *Spe Salvi* que o Papa explana a doutrina do Purgatório de um modo mais dinâmico face aos documentos precedentes. Nesta encíclica, Bento XVI tem como tema central a virtude teologal da esperança, que logo nos remete para a existência escatológica cristã. O tema do Purgatório é analisado na seção “«Lugares» de aprendizagem e de exercício de esperança”, na subdivisão “O Juízo como lugar de aprendizagem e de exercício da esperança”. O Sumo Pontífice salienta que, na vivência cristã, o tema do Juízo “influenciou os cristãos até na sua própria vida quotidiana enquanto critério segundo o qual ordenar a vida presente, enquanto esperança na justiça de Deus”.¹¹⁸ Esta temática do juízo é estruturante no modo existencial cristão, como “lugar” de revisão do nosso modo de agir e de opção por Deus. Diz ainda que, o Juízo de Deus não é meramente justiceiro, mas articulado com a misericórdia divina. Neste contexto, ao longo da nossa vida existe em nós sempre uma abertura ao bem e a Deus.

¹¹⁷ BENTOS XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, in AAS 99 (2007), nº 3, 131.

¹¹⁸ BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, in AAS 99 (2007), nº 12, 1018.

Contudo, o Papa coloca algumas aporias “Será que todas as coisas imundas que acumularam na sua vida se tornarão de repente irrelevantes? Ou acontecerá algo de diverso?”.¹¹⁹ A fé cristã professa a existência de um estado em que essas “imundices” são purificadas, porque não são impedimentos à aceitação do amor de Deus, mas meros resíduos nefastos que ainda não foram “queimados” no “fogo purificador”. O Papa, recorrendo a São Paulo, analisa o processo de purificação “através do fogo” (1Cor 3,15).¹²⁰ No entanto, persiste a dúvida: em que consiste realmente este fogo? Nesta encíclica, o Pontífice responde que: “alguns teólogos recentes são do parecer que o fogo que simultaneamente queima e salva é o próprio Cristo, o Juiz e Salvador”.¹²¹ Nesta fase de reflexão, na linha dos seus predecessores, analisa o Purgatório na ótica cristocêntrica. O estado de Purgatório é o momento, no processo de amadurecimento da fé, em que os crentes têm um encontro com Cristo que os purifica da “imundície”: “A dor do amor torna-se a nossa salvação e a nossa alegria”.¹²² O Papa reforça que este encontro transformador “escapa à cronometragem terrena é tempo do coração, tempo de «passagem» à comunhão como Deus no Corpo de Cristo”.¹²³

Uma última dimensão abordada por Bento XVI na Encíclica *Spe Salvi* é a questão da dimensão comunitária do Purgatório, ou seja, a comunhão dos santos, no Corpo de Cristo. Esta etapa do processo da purificação não é uma etapa individualista ou unilateral, pelo contrário, é uma etapa de vivência comunitária e plurilateral. O Papa alerta para o facto de que “Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho”.¹²⁴ O Purgatório transforma-se em “espaço” por excelência da solidariedade espiritual: “ a nossa esperança é

¹¹⁹ *Ibidem*, 1023.

¹²⁰ “Seja como for, neste texto torna-se evidente que a salvação dos seres humanos pode acontecer sob distintas formas: algumas coisas edificadas podem queimar completamente; para alcançar a salvação, é preciso atravessar pessoalmente o «fogo» para se tornar definitivamente capaz de Deus e poder sentar-se à mesa do banquete nupcial eterno”, in *Ibidem*, 1022.

¹²¹ *Ibidem*, 1023.

¹²² *Ibidem*, 1024.

¹²³ *Ibidem*, 1024.

¹²⁴ *Ibidem*, 1025.

sempre essencialmente também esperança para os outros; só assim é verdadeiramente esperança também para mim”.¹²⁵

Nesta reflexão, o Papa medita o Purgatório como “lugar” que possibilita o exercício da esperança cristã, ou seja, processo de inserção progressiva na pátria do amor trinitário, em que os purificados vivem na comunhão e solidariedade dos bem-aventurados e dos peregrinantes, no tempo do encontro com o amor de Cristo no Seu Corpo.

Outra ocasião em que Bento XVI expõe a doutrina do Purgatório ocorre no contexto de uma catequese referente à pessoa de Santa Catarina de Génova, em 2011. Nesta catequese, primeiramente, o Papa ressalta a novidade trazida pela genovesa na exposição que faz do Purgatório com enorme frescura e novidade: “É importante observar que, na sua experiência mística, Catarina jamais tem revelações específicas sobre o purgatório ou sobre as almas que ali estão a purificar-se. Todavia, nos escritos inspirados pela nossa santa, é um elemento central, e o modo de o descrever tem características originais em relação à sua época”.¹²⁶

O Romano Pontífice salienta que as novidades trazidas por Santa Catarina de Génova referem-se ao modo como concebe o “espaço-tempo”, no Purgatório. Para esta mística, o espaço do Purgatório, não é um espaço nas “vísceras da terra: mas é um fogo não exterior, mas interior. Este é o purgatório, um fogo interior”.¹²⁷ Nesta conceção espacial, o Purgatório deixa de ser encarado como um “lugar”, mas passa a ser uma fase de purificação. Catarina consegue, de um modo extraordinário, demarcar-se das influências do seu tempo, que representavam o Purgatório como uma espécie de “átrio” do inferno.

Em relação ao tempo, a santa italiana frisava que o tempo escatológico não é somente depois da morte, mas que na nossa vivência terrena já estamos mergulhados no tempo

¹²⁵ *Ibidem*, 1025.

¹²⁶ BENTO XVI, “Catequese sobre Santa Catarina de Génova”, in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, (15/01/2011), 3.

¹²⁷ *Ibidem*.

escatológico. “Com efeito, não se começa a partir do além para narrar os tormentos do purgatório – com era habitual naquela época e talvez ainda hoje – e depois indicar o caminho para a purificação ou a conversão, mas a nossa santa começa a partir da própria experiência interior da sua vida a caminho da eternidade”.¹²⁸ Catarina possui uma visão teleológica da vida, que não é constituída por ruturas existenciais, mas é um itinerário integral e unitário. O tempo escatológico não acontece somente no além, mas opera já no aquém.

Por fim, nesta catequese, o Papa solicita a todos os fiéis que orem pelos defuntos, inspirando-se na beleza dos textos de Santa Catarina de Génova. “Escrevendo acerca do purgatório, a santa recorda-nos uma verdade fundamental da fé, que se torna para nós um convite a rezar pelos defuntos, a fim de que eles possam chegar à visão beatífica de Deus na comunhão dos santos”.¹²⁹

Em balanço: os séculos XX e XXI fornecem vários elementos para a compreensão da identidade do Purgatório na perspetiva cristã. Primeiramente, um dos traços mais invocados neste período teológico é a dimensão comunitária. Esta dimensão comunitária deriva do ensinamento do Concílio Vaticano II que teve como tema central a Igreja. A vivência comunitária brota da vivência eclesial e a realidade da comunhão dos santos é a expressão mais eloquente da vivência eclesial do Purgatório. O acontecimento da morte não interrompe os laços espirituais entre os cristãos, pelo contrário, potencia-os. Nota-se a insistência da parte do Magistério em expor esta dimensão, tendo em vista superar uma visão individualista da existência e da salvação cristã.

Em segundo lugar, destaca-se, neste período de reflexão sobre o Purgatório, a dimensão cristológica do estado de purificação. A imagem mais expressiva desta dimensão é fornecida pela Encíclica *Spe Salvi*, quando afirma que o célebre fogo do Purgatório é Cristo e, por isso, não é possível compreender o Purgatório sem a presença do amor de Cristo. O

¹²⁸ *Ibidem*.

¹²⁹ *Ibidem*, 16.

defunto em purificação purifica-se mediante a relação com o amor de Cristo, que o leva a compreender a necessidade de uma integralidade profunda para atingir o encontro com Deus Pai. Este mandato da integralidade é-nos dado por Jesus quando convida: “Sede, pois, perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5,48).

CAPÍTULO III – PURGATÓRIO: RELEITURA TEOLÓGICA

O presente capítulo pretende sistematizar a reflexão teológica contemporânea sobre o Purgatório. No século XX, o tema do Purgatório foi objeto de uma releitura teológica. Esta releitura teológica brotou da exortação de Yves Congar para que operasse um “purgatório do Purgatório”.¹³⁰ Esta exortação conduziu a uma renovação da teologia do Purgatório, purificando-se de algumas visões mais distorcidas e sublinham os elementos mais estruturantes e fundamentais do Purgatório. Nesta releitura teológica, alguns teólogos chamam atenção particularmente para três pontos: base escriturística sobre o Purgatório, processo de amadurecimento da santidade e a dimensão comunitária do Purgatório. Esta renovação teológica fornece-nos dados cruciais para a compreensão da identidade do Purgatório na fé cristã dos dias de hoje.

1. Refontalização bíblica

Os teólogos católicos no século XX procederam a uma releitura teológica do Purgatório, partindo das fontes, principalmente da Sagrada Escritura. Quando começamos a indagar a Escritura sobre a existência do Purgatório impõem-se-nos imediatamente uma questão: “Existe ou não uma base escriturística sólida para a doutrina do purgatório?”¹³¹ Leonardo Boff pensa interpretar e expressar o sentir de muitos teólogos relativamente a questão colocada anteriormente “Convêm fazer uma reflexão de ordem hermenêutica: em vão buscamos uma passagem bíblica que fale, formalmente, do purgatório. Disso não se segue que não haja qualquer fundamento bíblico”¹³² e “o menos que podemos dizer é que a existência

¹³⁰ ¹³⁰ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961, 89.

¹³¹ Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 282.

¹³² Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 58.

do purgatório é insinuada e suposta pela Sagrada Escritura... mas não necessariamente um direto enunciado formal; uma indicação do que Deus quer que se faça”.¹³³

Alguns teólogos defendem que a nível bíblico não existem passagens com um caráter explícito sobre a existência do purgatório, porém essa inexistência não conduz à negação desta verdade da fé. Deste modo existem indicações implícitas que afirmam a existência de um estado de purificação. O princípio básico na abordagem bíblica não é tanto descobrir um “enunciado”, mas encontrar indícios teológicos que exponham as principais linhas teológicas do Purgatório. “Mais do que fazer pressão neste ou naquele texto questionável, seria preferível fixar-se em certas ideias gerais, clara e repetidamente ensinadas na Bíblia, e que podem considerar-se como o núcleo germinal do nosso dogma”.¹³⁴

No entanto, os teólogos sublinham alguns textos dos quais podemos extrair as tais “ideias gerais” sobre o Purgatório. Uma das perícopes mais estudadas e refletidas é 2Mac 12, 39-45:

“No dia seguinte, Judas e os seus companheiros foram levantar os corpos dos mortos, para os depositar na sepultura, ao lado dos seus pais. Então, sob a túnica dos que tinham tombado, encontraram objectos consagrados aos ídolos de Jâmnia, proibidos aos judeus pela lei, e todos reconheceram que fora esta a causa da sua morte. Bendisseram, pois, a mão do Senhor, justo juiz, que faz aparecer as coisas ocultas, e puseram-se em oração, para lhe implorar perdão completo pelo pecado cometido. O nobre Judas convocou a multidão e exortava-a a evitar qualquer transgressão, tendo diante dos olhos o mal que tinha sucedido aos que, pouco antes, tinham morrido por causa dos pecados. E mandou fazer uma colecta, recolhendo cerca de duas mil dracmas, que enviou a Jerusalém, para que se oferecesse um sacrifício pelo pecado, agindo digna e santamente ao pensar na

¹³³ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961, 89.

¹³⁴ Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 282.

ressurreição; porque, se não esperasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles. E acreditava que uma bela recompensa aguarda os que morrem piedosamente. Era este um pensamento santo e piedoso. Por isso pediu um sacrifício expiatório, para que os mortos fossem livres das suas faltas”.

Judas Macabeu ao realizar esta coleta formou a ideia teológica da responsabilidade para com os defuntos e a originalidade de uma oferta para com eles. “É aqui donde reside a aportação original do nosso texto que o rito do Kipur (cf. Lev 4-5) aproveita para redimir os pecados dos vivos, era uma coisa admitida comumente em Israel. Mas esta é a primeira vez que aparece a sua eventual eficácia também para os mortos”.¹³⁵ Nesta passagem existe uma afirmação da existência de uma purificação pós-mortal e também da solidariedade dos vivos para com os defuntos.¹³⁶

Um segundo texto que fornece algumas linhas teológicas para o Purgatório é 1 Cor 3,10-15:

“Segundo a graça de Deus que me foi dada, eu, como sábio arquitecto, assentei o alicerce, mas outro edifica sobre ele. Mas veja cada um como edifica, pois ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo.¹²Se alguém, sobre este alicerce, edifica com ouro, prata, pedras preciosas, madeiras, feno ou palha, a sua obra ficará em evidência; o Dia do Senhor a tornará conhecida, pois ele manifesta-se pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída resistir, o construtor receberá a recompensa; mas, se a obra de alguém se queimar, perdê-la-á; ele, porém, será salvo, como se atravessasse o fogo”

¹³⁵ *Ibidem*, 281.

¹³⁶ “Podemos afirmar, por tanto, que no final do Antigo Testamento encontramos formulada já a crença de que a oração e o culto por parte dos vivos pode ser de proveito para aqueles membros da comunidade que morreram com uma santidade inacabada. Os vivos desempenham um papel solidário e intercessor, suprem de alguma forma a purificação que aos falecidos faltou em vida. Deste modo, o mistério da solidariedade na salvação aparece em toda a sua amplitude, abarcando os membros da comunidade tanto vivos como defuntos”, in José ALVIAR, *Escatología*, EUNSA, Pamplona, 2011³, 338.

Esta passagem, não abordando diretamente o tema do Purgatório, o seu conteúdo doutrinal encaixa-se perfeitamente na teologia do Purgatório.¹³⁷ “Não se trata diretamente do purgatório, mas do juízo no final dos tempos. Mas a ideia de provação, de purificação através da imagem do fogo, ligada à salvação, favoreceu uma interpretação na linha do purgatório”.¹³⁸ S. Paulo expõe a necessidade de um crescimento progressivo no crente até atingir a “idade de Cristo” (Ef 4,13).¹³⁹

No entanto, da Sagrada Escritura os teólogos extraem dois grandes princípios¹⁴⁰ implícitos sobre o Purgatório: a participação na vida trinitária exige dos crentes uma perfeita purificação e a solidariedade dos vivos pelos defuntos nesse processo de purificação.¹⁴¹ Estes dois princípios constituem dois elementos fundamentais da identidade do Purgatório atualizada pela renovação teológica. Em relação ao primeiro elemento, o Antigo Testamento ressalta de forma clara a santidade de Deus, o Deus três vezes Santo (cf. Is 6,1-13). Os judeus diante desta santidade de Deus questionavam-se “Quem poderá subir à montanha do Senhor, e apresentar-se no seu santuário?” (Sl 24,3), a resposta imediatamente surgia “O que tem as mãos inocentes e o coração limpo, o que não ergue o espírito para as coisas vãs, nem jura pelo que é falso” (Sl 24,4). A excelsa santidade de Deus exigia da parte dos crentes uma

¹³⁷ “A esta passagem remetiui-se frequentemente no passado uma interpretação literal que derivou num crasso materialismo do purgatório. Frente a isto, o conteúdo válido desta passagem reside quiçá e, considerar o «fogo» como uma imagem da presença crítica do Senhor e, sobretudo, da majestade e glória do seu amor... o homem pecador e autocontraditório fica purificado e transformado, «como quem passa através do fogo»”, in Medard KHEL, *Escatología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1992, 287.

¹³⁸ *Ibidem*, 235.

¹³⁹ “Paulo, em vez de purgatório, prefere falar em processo de crescimento na perfeição que ele mesmo «persegue correndo, sem tê-la ainda alcançado» (Fl 3,12-16). Outra vez escreve que «tem a esperança de que Deus, que começou a obra boa, também a complete até ao dia de Jesus Cristo» (Fl 1,16) que é o dia da grande crise. Ele chama essa perfeição de «madureza do varão perfeito» e de «medida plena da idade de Cristo» (Ef 4,13)”, in Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002², 60.

¹⁴⁰ “Encontramos na Escritura os elementos doutrinários que servem de sólida base para a ideia de purificação post-mortem. Concretamente: (1) o ensinamento sobre a excelsa santidade de Deus, que obriga o homem a purificar-se – como indivíduo e como membro do povo – antes de apresentar-se diante do Senhor; e (2) o ensinamento acerca da solidariedade dos homens na salvação, que produz nos vivos um instinto de orar a Deus pelos mortos”, in José ALVIAR, *Escatología*, EUNSA, Pamplona, 2011³, 333.

¹⁴¹ “Uma delas é a constante persuasão de que somente uma absoluta pureza é digna de ser admitida na visão de Deus... Outra ideia, «a mais importante, o verdadeiro lugar teológico da doutrina», é a da responsabilidade humana no processo de justificação, que implica a necessidade de uma participação pessoal na reconciliação com Deus e a aceitação das consequências penais que derivam dos seus próprios pecados”, in Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 282-283.

reciprocidade, bastante clara no mandato de Jesus “Portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste” (Mt 5, 48). “O temor de «ver a Deus» (Ex 20,18-19), tão comum no povo, procedia de uma consciência da indignidade e impreparação”.¹⁴² Porém, a afirmação mais clara da necessidade de uma purificação na nossa vida deriva do Sermão da Montanha: “bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Esta purificação nem sempre se consegue operar na vida terrena, prolongando-se depois da morte.

O segundo princípio extraído da Escritura é a solidariedade dos vivos para com os defuntos, promovendo a ideia de que o processo de purificação brota de uma experiência comunitária. Esta linha comunitária encontra-se de forma clara na passagem já anteriormente apresentada de 2Mac 12,39-45. Esta solidariedade para com os defuntos sublinha que “Deus quer que se reze pelos mortos, que no interior do Corpo Místico os vivos ajudem os mortos”.¹⁴³ Este processo de purificação não é operado de uma forma individual, isolada, mas inserida num Povo que caminha, que é convocado por Deus para realizar um itinerário conjunto, atingindo o seu clímax no Corpo Místico de Cristo. “Os cristãos, como membros de um povo sacerdotal, participam na ação sacerdotal de Cristo, oferecendo suas pessoas em união com o Senhor como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”.¹⁴⁴

A Sagrada Escritura não nos fornece textos explícitos sobre a existência do purgatório, mas no entender de muitos teólogos aponta linhas gerais. Na Bíblia “estão traçados as linhas doutrinárias que acabariam por enlaçar-se na doutrina da purificação post-mortem, para os que morrem como amigos de Deus mas com santidade imperfeita”.¹⁴⁵

¹⁴² *Ibidem*, 282.

¹⁴³ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1961, 89.

¹⁴⁴ José ALVIAR, *Escatologia*, EUNSA, Pamplona, 2011³, 340.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

2. Processo de amadurecimento na santidade

A vida cristã constitui uma caminhada orientada para a pátria do amor trinitário, ou seja, uma progressiva participação na vida trinitária num processo de *theosis* (divinização). Contudo, ao longo deste caminhar, a vida dos crentes é marcada por momentos de traição ao ideal cristão assumido e de infidelidade à vontade de Deus. “A maioria dos homens termina a sua história carregada de contradições, marcada pela negatividade de muitas acções passadas... Termina a viagem terrestre com débito”.¹⁴⁶ Consequentemente, este “débito” pode não ser impedimento para participar na vida trinitária, porém necessita de ser purificado. Logo, é nesta trama que aparece uma etapa da purificação ultraterrena, que é um prolongamento da purificação já iniciada na vida terrestre.

O Purgatório transforma-se, segundo Leonardo Boff, num acrisolamento. “Crise-acrisolamento é sinónimo de purgatório para o homem justo, que se encontra na paz com o seu Senhor, envolvido e penetrado por sua graça, mas que carrega ainda nas dobras da sua existência os resquícios do pecado e das imperfeições humanas”.¹⁴⁷ O Purgatório transforma-se num processo de amadurecimento da santidade.¹⁴⁸ O crente, ao comparecer diante de Deus, reconhece a sua imperfeição para ser inserido na comunhão da vida trinitária, aceitando e procedendo uma etapa de inserção progressiva. Logo, o Purgatório “não se trata de uma espécie de campo de concentração no além (como ocorreu em Tertuliano), donde o homem tem que purgar penas que se lhe impõem de maneira mais ou menos positivistas. Trata-se mais de um processo radicalmente necessário de transformação do homem, graças do qual é

¹⁴⁶ João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Editorial Vozes, Petrópolis, 1985, 240.

¹⁴⁷ Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 61.

¹⁴⁸ “O purgatório significa a graciosa possibilidade que Deus concede ao homem de poder e dever na morte madurar radicalmente. O purgatório é esse processo doloroso, como todos os processos de ascensão e educação, no qual o homem, na morte, atualiza todas as suas possibilidades, se purifica de todas as pregas que a alienação pecaminosa foi estigmatizando a vida, pela história do pecado e suas consequências (mesmo após seu perdão) e pelos mecanismos dos maus hábitos adquiridos ao longo da vida”, in *Ibidem*, 56.

capaz de Cristo, capaz de Deus, e, em consequência, capaz da unidade com toda a *communio sanctorum*”.¹⁴⁹

O Purgatório, como etapa de amadurecimento da santidade visa um limar dos nossos resquícios, egoísmos e individualismos, criando em nós uma disponibilidade de abertura total para Cristo e o Seu Corpo.¹⁵⁰ O Purgatório pode ser analisado como um processo de esvaziamento do ego, que nos impede de aderir ao bem maior de optar pela decisão fundamental.¹⁵¹ Como expõe Medard Kehl, no Purgatório os homens e mulheres têm que superar a sua “resistência de vontade de autoafirmação”, ou seja, “trata-se do repúdio definitivo da última e integral vontade de autoafirmação do homem, que não quer “desligar-se” plenamente e “abandonar-se” no amor de Deus”.¹⁵² Neste processo de amadurecimento opera-se um encontro com o amor acrisolador de Cristo, que provoca nos defuntos um debruçar-se sobre a sua biografia para expelir dela as marcas do endurecimento. “Sem necessidade de recorrer a imagem das benditas almas do purgatório num mar de chamas, recorde de novo a imagem do encontro: na morte e na ressurreição me encontrarei com Cristo. Diante o seu olhar onisciente verei claro quem eu sou... Seu olhar será amoroso e salvador; me transformará, me «derreterá» e livrará dos meus endurecimentos”.¹⁵³

No entanto, este processo de acrisolamento da nossa autoafirmação é marcado pelo sofrimento, mas sincronicamente pela alegria. O crente, durante este processo, ao renegar e

¹⁴⁹ Joseph RATZINGER, *Escatología*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³, 214.

¹⁵⁰ “O Purgatório pode ser considerado, por conseguinte, como um processo pessoal, histórico, em que a pessoa vai superando suas contradições, seus egoísmos, até aquele momento final de encontro com Deus. Aí os últimos resquícios serão apagados. No encontro com Deus, a transparência total de nossa consciência pela força da luz de Deus permitirá que rejeitemos clara e livremente essas últimas incoerências”, in João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Editorial Vozes, Petrópolis, 1985, 242.

¹⁵¹ “... o pensamento teológico assinala como a livre decisão da pessoa humana (espírito encarnado) constrói, o seu destino, mas não tem que alcançar necessariamente todos os estratos do ser, como se a rica pluridimensionalidade do homem se assumisse indefetivamente, de uma vez e durante a existência temporal, naquela decisão: a mais sincera e autêntica conversão do centro nuclear da pessoa pode ter deixado intata esta ou aquela sua periferia. Se todo isto é exato, «o purgatório pode perfeitamente ser pensado como a integração de todas as diversas dimensões do homem na única... dimensão fundamental», quando tal integração não se verificou (por qualquer motivo) antes da morte”, in Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 290-291.

¹⁵² Medard KHEL, *Escatología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1992, 286.

¹⁵³ Franz-Josef NOCKE, *Escatología*, Herder, Barcelona, 1984, 161.

recusar as contradições e traições da sua biografia vive uma enorme dor. “É doloroso ao homem ter que arrancar-se, desfazer, num momento, aquilo que a vida inteira criou em distorções e enovelamentos. Ele deve abrir-se totalmente, desabrochar de inteiro e esvaziar-se totalmente para ser o receptáculo pleno para a comunicação de Deus e de Jesus Cristo ressuscitado”.¹⁵⁴ Porém, este processo doloroso é marcado pela alegria, pois este processo de purificação conduz para a pátria do amor trinitário. Esta alegria brota da certeza de uma configuração cada vez maior com o amor de Deus, que acende em nós progressivamente uma alegria mais profunda e permanente. “Início da beatitude definitiva, porque isso acontece envolvido pelo amor salvífico de Deus. É o amor que purifica. O sofrimento é o reverso da medalha do amor. É o lado do coração que sofre por não ter correspondido ao amor e apesar disso ter sido continuamente amado”.¹⁵⁵

Ao indagar sobre este processo doloroso de aperfeiçoamento, Yves Congar parafraseando Mary Starkey- Greg, afirma que no “Purgatório seremos todos místicos”.¹⁵⁶ A etapa purificadora do crente é muito similar à vivência espiritual dos místicos. Os místicos, na sua profundidade e adesão a Deus, os seus itinerários são marcados por momentos dolorosos. Na experiência mística, o crente opera uma configuração com Cristo progressivamente, porém esta configuração exige do crente uma profunda saída de si mesmo, aceitando e acolhendo um amor maior que exige abertura do crente. Este processo de abertura mística é pautado por momentos de enorme sofrimento espiritual, apelidadas de “noites escuras”. Estas “noites” são reflexo da experiência purificante pós-mortal; são “noites” marcadas pela ausência que Deus. No entanto, depois da superação destas “noites” dolorosas, os místicos saem muito mais

¹⁵⁴ Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 62.

¹⁵⁵ João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Editorial Vozes, Petrópolis, 1985, 242.

¹⁵⁶ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1961, 93.

fortalecidos e comprometidos com o amor gracioso de Deus, experimentando uma enorme alegria espiritual.¹⁵⁷

Logicamente, este processo de amadurecimento da santidade tem as suas raízes já na vida terrena. O processo de amadurecimento acontece no dia-a-dia da nossa vida. Durante algum tempo, a escatologia foi encarada como um conjunto de realidades que só interferiam conosco depois da nossa morte. A renovação teológica sublinha que a dimensão escatológica vive-se no “já” e “todavia não”, ou seja, durante o nosso peregrinar, o crente já participa do *eschaton*, obviamente de uma forma parcial e imperfeita. O mesmo acontece com o Purgatório, já o vivemos no nosso peregrinar que é um constante processo de amadurecimento da santidade.

“Se purgatório é o termo de um longo processo de maturação e crescimento purificador, então ele já se inicia aqui na terra. As dores, as frustrações e os dramas existenciais, pelos quais o homem não raro tem que passar, podem pelo homem prudente ser confiscados como alto valor de interiorização e purificação. Então o homem pode abrir-se, afastar obstáculos que o impediam de mergulhar no coração da vida. As máscaras caem e vigora a autenticidade transparente da consciência”.¹⁵⁸

Nesta procura dos elementos estruturantes da identidade o Purgatório, os teólogos são unânimes na confirmação do Purgatório como um processo de amadurecimento da santidade. Este elemento é uma das características mais importantes da atual identidade do Purgatório apresentado pela reflexão teológica. Muito mais do que um “lugar” ou “tempo”, o Purgatório

¹⁵⁷ “ Todos os espiritualistas cristãos, depois de Orígenes, falaram desse fogo de Deus que os queima. É fora de dúvidas que as «purificações místicas» são uma das melhores aproximações que temos para imaginar o purgatório. São dolorosas e ao mesmo tempo amadas por aqueles que as experimentam porque aproximam de Deus e são efeito da sua misericórdia. «Seremos todos místicos no purgatório».” *Ibidem*, 94.

¹⁵⁸ Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 64.

é um estado, isto é, um processo de maturação da fé e configuração com o amor gracioso de Deus.

3. Experiência comunitária do Purgatório

Temos dito que o Purgatório é um processo de amadurecimento do crente com a finalidade de acrisolar os últimos resquícios e a nossa vontade de autoafirmação. No entanto, este processo de purificação não é operado de forma individual, como se fossemos umas monadas leibnizianas, que não podem relacionar-se.¹⁵⁹ “O homem não se constrói sozinho nem simplesmente numa relação intersubjectiva, mas dentro de um tecido social”.¹⁶⁰ O Purgatório enquadra-se numa dimensão comunitária eclesial¹⁶¹, que a fé cristã expressa no conceito de comunhão dos santos. O Purgatório toca no âmago da existência cristã, ou seja, a fé vivida como experiência comunitária.¹⁶² O acontecimento da morte não provoca a rutura dos laços afetivos e efetivos entre os vivos e os defuntos. Pelo contrário, a morte provoca o desejo no ser humano de querer continuar o processo de comunicação com os entes queridos

¹⁵⁹ “Aqui há que dizer em seguida que precisamente o ser do homem não é em modo algum uma mónada fechada, mas que se encontra referida aos demais no amor e no ódio, encontrando-se imerso neles. O próprio ser se encontra presente nos outros como culpa ou como graça. O homem não é meramente o mesmo. Mais exatamente: é ele mesmo em, com e por os outros. O disser que também os santos «julgam», significa que o encontro com Cristo é encontro com todo o seu corpo, com a minha culpa contra os membros sofredores deste corpo e com o seu amor perdoante, que brota de Cristo... Precisamente por este juízo que exercem é que estão dentro da doutrina sobre o purgatório na sua qualidade de orantes e salvadores, e dentro igualmente da prática cristã correspondente. «J'espère en toi pour moi», espero em ti por mim, disse maravilhosamente Péguy. Precisamente quando se trata do eu, apela-se ao tu como esperança”, in Joseph RATZINGER, *Escatologia*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³, 217.

¹⁶⁰ João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Editorial Vozes, Petrópolis, 1985, 242.

¹⁶¹ “O catolicismo tem um sentido mais social, mais colectivista. Não é o individuo isolado, é a comunhão dos fieis que se relaciona com Deus através de Cristo. Os méritos são transferíveis: uma pessoa padece e reza por outra, cada qual tem no céu quem por si rogue e cada qual, por seu lado, pode oferecer sufrágios pelos defuntos. De aqui provém o culto dos Santos, o culto das almas do Purgatório e o valor dos medianeiros”, in Miguel UNAMUNO, *As Almas do Purgatório em Portugal*, in Portugal. Povo de Suicidas, Letra Livre, Lisboa, 2008, 64-65

¹⁶² “Neste processo de purificação não estará como individuo isolado. Assim como toda a minha vida terrena nunca pode estar absolutamente independente dos outros homens, senão sempre acompanhado, apoiado (ou abandonado) pelos outros, deste modo a minha existência enriquece-se mediante as relações com os outros (ou fica pobre por falta delas)... em certo sentido os outros convertem-se em uma parte da minha existência, dito de outro modo, a proximidade salvadora de Deus sempre me chegou através de outros homens, também no encontro purificador com Cristo me serão uma grande ajuda os pensamentos de amor do outros...” , in Franz-Josef NOCKE, *Escatologia*, Herder, Barcelona, 1984, 162.

que já faleceram. Esta ânsia de comunicar com os defuntos encontra-se de forma explícita em José Régio,

“Sempre que me falecia um parente ou amigo rezava durante algum tempo pela sua alma, isto é, pela sua paz eterna, pela sua bem-aventurança. Como que entrava em comunicação não só com Deus mas também com o espírito dos mortos sentindo ou quase sentindo, que eles viviam não sabia onde e me ficavam gratos por que eu não os esquecera. Também, às vezes lhes pedia socorro, tendo-o por meus protectores; fazendo-os meus intermediários junto de Deus para alcançar as mais variadas mercês. Apesar de grande admiração que sempre dediquei aos santos, creio que nunca me dirigi a eles como intermediários: antes, aos meus mortos”.¹⁶³

No entanto, esta ânsia de comunicar com os defuntos também se expressa, de forma bastante notória, em Miguel Torga,

“Mãe:/Que desgraça na vida aconteceu, que ficaste insensível e gelada?/(...)
Presença cinzelada em pedra dura/ Que não tem coração dentro do peito./ Chamo aos gritos por ti – não me respondes./ Beijo-te as mãos e o rosto – sinto frio./(...)
Diz que me vês ainda, que me queres./ Que és a eterna mulher entre as mulheres./
Que nem a morte te afastou de mim”.¹⁶⁴

Este modo de comunicação com os defuntos revela-nos que o Purgatório não é um processo de purificação individual sem qualquer relação intersubjetiva. A dimensão comunitária do Purgatório brota em primeira instância da necessidade de comunicarmo-nos

¹⁶³ José RÉGIO, *Confissão dum Homem religioso*, Obras Completas, Brasília Editora, Porto, 1971, 134.

¹⁶⁴ Miguel TORGA, *Diário* (Volumes I e IV), Obras Completas, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001, 373.

mutuamente, pois a vida cristã é um contínuo processo de caminhar com o outro.¹⁶⁵ “As possibilidades de ajudar e beneficiar não se esgotam para o cristão com a morte, senão que abarcam toda a comunhão dos santos deste e do outro lado da morte”.¹⁶⁶

Neste contexto, compreendemos o “verdadeiro sentido comunitário da intercessão, dos sufrágios, das indulgências, em vista de “diminuir o purgatório” das almas”.¹⁶⁷ A oração pelos defuntos é a expressão mais visível e efetiva da dimensão comunitária do Purgatório: “tem sentido rezarmos pelos mortos do purgatório. Não que nós tenhamos poder sobre eles no sentido de eximi-los do seu processo de acrisolamento. Nós podemos pedir a Deus que Ele acelere o processo de amadurecimento, que leve o homem a se deixar penetrar pela graça divina até chegar ao ponto de hominização divinizadora que lhe corresponde”.¹⁶⁸ A oração pelos defuntos é o elemento nevrálgico para a doutrina do Purgatório, pois é um testemunho passado de geração em geração. Esta oração visibiliza, de uma forma clara, a dimensão comunitária do Purgatório. A nossa oração intercede diante de Deus para acelerar o processo de purificação dos defuntos, fortalecendo os laços entre os membros da comunhão dos santos.¹⁶⁹ No entanto, esta oração não é unilateral; não se trata simplesmente de os vivos que oram pelos defuntos, também as almas dos defuntos oram pelos vivos.¹⁷⁰

¹⁶⁵ “Mas, aí, nesse dia, havia ainda, um inefável sentimento de comunicação com outros mundos, com outras almas, cuja aparência física eu nem conhecera, mas nem por isso deixavam de me estar ligadas, e talvez acorressem àquela cerimônia me que se rezava por elas.”, in José RÉGIO, *Confissão dum Homem religioso*, Obras Completas, Brasília Editora, Porto, 1971, 47-48.

¹⁶⁶ Joseph RATZINGER, *Escatologia*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³, 216.

¹⁶⁷ João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Editorial Vozes, Petrópolis, 1985, 242.

¹⁶⁸ Leonardo BOFF, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹, 63.

¹⁶⁹ “A pobre viúva pode fazer mais do que chorar o seu defunto marido e venerar o seu nome e a sua memória; acredita poder aliviar as penas dele. E se você me diz que para explorar este sentimento de solidariedade entre vivos e mortos é que se inventou o Purgatório, eu dir-lhe-ia que foi esse mesmo sentimento que o criou. Não foi inventado para explorar o sentimento, mas exploram-no porque o sentimento o criou. Os mineiros não inventaram a mina. Deste modo, uma família não termina na terra; deste modo, há uma íntima comunhão entre os vivos e os mortos, uma comunhão mais real – na crença, entenda-se que a das tradições e a vivência do que nos legaram. Deste modo, o nosso Vicente Wenceslao Querol pôde falar no “místico laço” em que anda unida uma família, parte no céu e parte na terra.”, in Miguel UNAMUNO, *As Almas do Purgatório em Portugal*, in Portugal. Povo de Suicidas, Letra Livre, Lisboa, 2008, 65.

¹⁷⁰ “Não se trata de uma aritmética maquinal que livra as almas do purgatório, à medida que certos atos são simplesmente cumpridos na sua ritualidade material. Todos nos ajudam no processo de purificação, integração,

O Purgatório deve ser encarado como etapa vivencial do crente no Corpo de Cristo. O Purgatório é experiência eclesial, na medida em que, durante o processo de purificação as almas do Purgatório procedem a uma integração progressiva no Corpo de Cristo.¹⁷¹ Esta integração inicia-se na vida terrena, mas de uma forma imperfeita e parcial. Os defuntos necessitam ainda de limar algumas falhas que cometeram como membros deste Corpo. Yves Congar alerta para necessidade do Purgatório como momento de assumir e reparar os nossos pecados. “É fora de dúvida que Jesus reparou para além de todos os limites os nossos pecados e o pecado do mundo. Mas nós somos pessoas e não coisas ou seres irresponsáveis – nada deve ser feito por nós sem que livremente o ratifiquemos”.¹⁷² Logicamente, ao vivermos inseridos no Corpo de Cristo todas as nossas ações possuem um alcance comunitário-social. O cristão não é uma mónada, logo também necessita de reparar os pecados contra a unidade do Corpo, para poder ter uma integração plenária nesse Corpo.¹⁷³ O Purgatório é instância para limar os nossos últimos resquícios “diabólicos”, para causar em nós uma total adesão ao simbólico.

A dimensão eclesial do Purgatório foi recuperada da teologia patrística, principalmente de Santo Agostinho. O Purgatório somente se compreende como experiência

com a sua fé, com o seu exemplo, com a sua atuação histórica, com o apoio de suas orações, com a criação de condicionamentos históricos libertadores. Esses são os melhores sufrágios por nossas almas. Já vêm sendo feitos ao longo da nossa vida. E servem enquanto favorecem a nossa integração de graça, de amor, de serviço.”, in João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Editorial Vozes, Petrópolis, 1985, 243.

¹⁷¹ “O Purgatório é processo de purificação, de integração. Toda ajuda comunitária para que alguém se integre no amor, na justiça, é “indulgente” que sustenta a pessoa nesse processo de purificação agora e no momento da morte. Ninguém enfrenta, por assim dizer, o purgatório sozinho. Nem na terra, nem na morte. Estamos todos acompanhados pela fé e oração da Igreja. Fé que se traduz em atos de misericórdia, em atos de culto, em atos de justiça, em atos de transformação da realidade em vista da fraternidade. Portanto, quanto mais a Igreja e a sociedade forem fiéis à sua vocação para o bem, tanto menos cada um de nós sofrerá os rigores do purgatório. Portanto, ele não é um problema que diz respeito unicamente à alma e Deus. Mas é uma realidade eclesial, social. E a Igreja sempre intuiu isso ao ensinar com firmeza a solidariedade com os mortos e o valor de nossas ações de sufrágio.”, in *Ibidem*.

¹⁷² Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961, 93.

¹⁷³ “Pois é verdadeiramente uma reparação do Corpo. Em primeiro lugar dos seus membros pessoais – nenhum está isolado e todos podem ajudar outros. A comunhão dos santos é uma realidade, e não essa espécie de contabilidade pueril que alguns imaginaram e consiste em equilibrar as perdas com os lucros. É antes realidade cristã, por isso espiritual e verdadeira, que reclama um total compromisso. Conjuga duas afirmações complementares formuladas pela Sagrada Escritura: «Porque cada um levará o seu próprio fardo» (Gal 6,5); «Levai os fardos uns dos outros» (Gal 6,2)”, in *Ibidem*.

de amadurecimento em Povo, ou seja, em solidariedade do Corpo total de Cristo. Os defuntos na purificação da sua santidade não realizam um processo individual, como o Purgatório fosse uma espécie de câmara com salas individuais, onde cada defunto se encerrava no seu mundo. Esta imagem é o completo oposto do Purgatório. O Purgatório é uma estado de purificação onde as almas dos defuntos interagem vivendo numa dinâmica conjunta. Seria completamente surreal que, depois de uma vida terrena onde os cristãos professam, celebram e vivem a sua fé em assembleia, ao penetrarem no Purgatório vivessem agora a sua fé numa forma individualista. O Purgatório é uma assembleia litúrgica, um último ato penitencial na nossa vida. Os defuntos realizam esta experiência purificante em conjunto, uma assembleia convocada pelo Senhor, para uma integração na assembleia escatológica na pátria do amor trinitário. Nesta experiência comunitária os defuntos sabem que não se encontram sozinhos, pois neste processo de purificação são respeitadas as dimensões da ipseidade e alteridade dos defuntos. Ao longo deste amadurecimento é a minha biografia que é acrisolada, ou seja, o itinerário que construí é acrisolado pelo amor de Cristo. Consequentemente, como fui construindo este itinerário num Povo concreto e inserido numa História da Salvação, os meus laços relacionados necessitam também de ser aspergidos pelo amor purificador.

Esta dimensão comunitária do Purgatório é uma dos elementos mais sublinhados pelos teólogos no século XX.¹⁷⁴ Neste sentido, este elemento possui uma enorme espaço na identidade do Purgatório, permitindo superar visões fantasiosas e reducionistas do Purgatório.¹⁷⁵ Em termos de vivência da fé, esta dimensão comunitária permite-nos compreender devidamente a finalidade dos sufrágios e superar uma visão individualista da purificação ultraterrena.

¹⁷⁴ “Somente numa perspectiva personalista, comunitária, social, podemos entender o purgatório, sem o risco de afogar-nos em ritos mágicos e mecânicos.”, in João LIBÂNIO e Maria BINGEMER, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Editorial Vozes, Petrópolis, 1985, 244.

¹⁷⁵ “Alguns pregadores e alguns livros têm representado o purgatório como uma organização de requintadas torturas com uma zona gelada e uma lado metal fundente ou uma grande marmita de azeite a ferver e de alcatrão... Ainda hoje se ouve falar em anos de purgatório como se se tratasse de uma esquadra de polícia ou de uma prisão, o que indica concepções com base exclusiva em sanções punitivas.” Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961, 87.

Em suma, durante o século XX, nesta tentativa de releitura teológica do Purgatório, os teólogos forneceram à teologia uma imagem renovada e purificada da identidade do Purgatório. Desta releitura teológica da identidade do Purgatório ressaltam necessariamente dois grandes elementos: o processo de amadurecimento e de integração e a dimensão comunitária da purificação ultraterrena. Estas são as duas grandes linhas da atualidade do Purgatório. Processo de acrisolamento da santidade, com conseqüente integração progressiva na pátria do amor trinitário. Este processo insere-se numa dinâmica comunitária, como frisava Bento XVI: “Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho”.¹⁷⁶

¹⁷⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, in AAS 99 (2007), nº 12, 1025.

CONCLUSÃO

O processo de construção da identidade do Purgatório foi longo e complexo, pois atravessou variadíssimos contextos históricos, filosóficos, culturais e teológicos. Por conseguinte, a exposição da teologia do Purgatório foi influenciada por esses diversos contextos, algumas vezes de forma positiva e outras negativas. A identidade do Purgatório é crucial para a resolução das aporias anteriormente mencionadas. Ao longo desta monografia percorreram-se diferentes períodos da reflexão teológica para uma maior amplitude da compreensão do Purgatório. Ao percorremos estes distintos períodos extraímos deles elementos fundamentais da identidade do Purgatório.

A identidade do Purgatório equaciona-se entre dois elementos cruciais: processo de amadurecimento da santidade e dimensão comunitária. No entanto, até à formulação destes dois traços identitários percorreu-se um longo e frutuoso itinerário. No período patrístico, gérmen da reflexão teológica, são fornecidos os primeiros enunciados teológicos sobre o Purgatório. Estes enunciados sublinham de forma expressiva a existência de uma purificação ultraterrena, que é refrigerada pela oração dos vivos pelos defuntos. Neste período patrístico respira-se com dois pulmões diferenciados: uma teologia de matriz ocidental e outra de cunho oriental. Esta bifurcação teológica forneceu os elementos nevrálgicos para a identidade do Purgatório para os séculos vindouros. A visão ocidental conduzirá o Purgatório para uma orientação mais canónica e penitencial, enquanto o oriente fornece uma perspectiva mais terapêutica e divinizadora (gérmen teológico do processo de amadurecimento).

Na época Escolástica opera-se um processo de compactação e sistematização com uma passagem de uma visão escatológica comunitária para uma visão escatológica mais individualista. No período patrístico, o Purgatório era enquadrado numa perspectiva eclesiológica, como experiência eclesial (Santo Agostinho). Os escolásticos vão pensar o

Purgatório numa matriz mais individualista, embora alguns autores medievais tenham fornecido uma perspectiva eclesial (São Boaventura, São Tomás).

No século XVI, a centúria da convulsão, o Purgatório teve o seu momento de dogmatização e definição solene. O Concílio de Trento, na mesma orientação pedagógica dos Concílios anteriores aborda o Purgatório de uma forma sóbria e frugal. Neste três eixos posicionais vislumbramos os traços mais identificativos do Purgatório, necessitando nos séculos posteriores de uma purificação.

Vai ser no século XX que a reflexão sobre a identidade do Purgatório sofrerá uma renovação e atualização. Yves Congar, como já foi referenciado solicitava um “purgatório do Purgatório”. Esta renovação teológica ocorreu oficialmente pelos ensinamentos dos Romanos Pontífices que, no exercício do seu múnus docente, expuseram o tema do Purgatório de um modo renovado e refrescado. Claramente, antes das intervenções dos Bispos de Roma, este processo de renovação bebeu dos variadíssimos movimentos de renovação ocorridos nos séculos XIX e XX. Através do movimento patrístico recuperou-se os elementos genesíacos da reflexão teológica, acolhendo-se principalmente o desenvolvimento comunitário do Purgatório. O movimento bíblico revigorou o modo de utilizar a Bíblia para a fundamentação do Purgatório, superando-se o uso letrista da Sagrada Escritura.

O primeiro marco posicional foi o Concílio Vaticano II que, inspirado pelos movimentos anteriormente referidos, deu um novo vigor a temática do Purgatório. Este Concílio tem como temática central a eclesiologia, logo o Purgatório é introduzido como dinâmica eclesial, mais concretamente na Comunhão dos Santos.

Os Papas libertaram o Purgatório de uma visão distorcida ressaltando os elementos mais marcantes. Neste sentido, Bento XVI na sua exposição docente forneceu uma teologia do Purgatório bastante atualizada, tendo em conta os vários contributos da teologia do século

XX. Apresenta o Purgatório como encontro com o amor de Cristo, que é responsável pelo processo de purificação.

Por seu lado, os teólogos realizaram uma releitura do Purgatório. Desta releitura sublinharam principalmente dois grandes traços identitários do Purgatório: processo de amadurecimento-integração e experiência eclesial-comunitária. Os teólogos identificam o Purgatório numa linha de um estado, no qual de uma forma progressiva os defuntos se vão inserindo na pátria do amor trinitário. Contudo afirmam que este processo não é uma caminhar sozinho, pois seria uma total contradição da fé cristã. O Purgatório é um processo com os irmãos da fé e com Deus. A oração dos vivos é o laço que permite o permanecer da dimensão afetiva e efetiva com os defuntos.¹⁷⁷ Pode pensar-se conceber o Purgatório como um último ato penitencial, antes da entrada na Assembleia gloriosa.

Em suma, o Purgatório como dado da revelação cristã, percorreu um longo caminho de explicitação, desde uma conceção espaço-temporal, de um “lugar” onde os defuntos de uma forma alheia realizam uma purificação através do fogo, chegando-se ao ponto de apresentar o Purgatório como uma antecâmara do Inferno. No entanto, a evolução da reflexão teológica sobre a identidade do Purgatório foi acontecendo também de forma sadia com bastantes contributos, evitando-se as imagens distorcidas e fantasiosas.¹⁷⁸ O Purgatório é um processo de integração progressiva numa comunidade de amor (Trindade) com o auxílio primeiro do amor de Deus e com o refrigério da oração dos vivos que se associam aos seus irmãos defuntos neste processo de amadurecimento da santidade.

¹⁷⁷ “Para alcançar um estado de perfeita integridade, às vezes é necessário a intercessão ou mediação de uma pessoa. Por exemplo, Moisés obtém o perdão do povo com uma oração, na qual evoca a obra salvífica realizada por Deus no passado e invoca a sua fidelidade ao juramento feito aos antepassados”, JOÃO PAULO II, O purgatório: necessária purificação para o encontro com Deus, in *L’Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, (07/08/1999), 8.

¹⁷⁸ “Alguns pregadores e alguns livros têm representado o purgatório como uma organização de requintadas torturas com uma zona gelada e uma lago de metal fundente ou uma grande marmitta de azeite a ferver e de alcatrão. Contam-se histórias de mãos que deixaram marcas de queimaduras em madeiros ou estofos”, in Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961, 87.

BIBLIOGRAFIA

1. Magistério da Igreja

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999².

CONCÍLIO VATTICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, in AAS 57 (1965).

CONCÍLIO VATTICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, in AAS 58 (1966).

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta sobre algumas questões respeitantes à Escatologia*, in AAS 71 (17/05/1979).

BENTOS XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, in AAS 99 (22/02/2007), nº 3.

BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi* in AAS 99 (30/11/2007), nº 12.

PAULO VI, *Solene Profissão de Fé Credo Povo de Deus*, in AAS 60 (1968).

2. Bibliografia Geral

GRAN ENCIPLOPEDIA RIALP, Vol. XIX, Ediciones Rialp, Madrid, 1974.

AA.VV., *Antologia Litúrgica. Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2003.

AGOSTINHO DE HIPONA, *De civitate Dei*, 20, 9, 2, PL 41.

ALVIAR, José, *Escatología*, EUNSA, Pamplona, 2011³.

BENTO XVI, *Santa Catarina de Génova*, in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, (15/01/2011).

BOFF, Leonardo, *Vida Para além da Morte*, Editorial Vozes, Petrópolis, 2002²¹.

CARVALHO, Maria, *A Consumação do Homem e do Mundo*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2002.

- CIPRIANO DE CARTAGO, *Epistola 55*, PL 4.
- CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, 5, 9-10, PG 33.
- CONGAR, Yves, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961.
- DENZINGER, Henrici, HUNERMANN, Petrus, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas, Edições Loyola, São Paulo, 2007.
- FANZAGA, Livio, *Mirada sobre la eternidad. Muerte, juicio, infierno, paraíso*, Descleé de Brouwer, Bilbao, 2005.
- JOÃO CRISÓSTOMO, *Homiliae in Epistolam primam ad Corinthios*, 9, 1, PG 61.
- JOÃO PAULO II, *O purgatório: necessária purificação para o encontro com Deus*, in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, (07/08/1999).
- KHEL, Medard, *Escatología*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992.
- KHEL, Medard, *Después del Fin, Qué?. Del fin del mundo, la consumación, la reencarnación y la resurrección*, Bilbao, Descleé de Brouwer, 2003.
- LADARIA, Luis, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in SESBOUÉ, Bernard, (dir.) – *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II. Salamanca, Secretariado Trinitário, 1996.
- LE GOFF, Jacques, *O Nascimento do Purgatório*, Editorial Estampa, Lisboa, 1995².
- LIBÂNIO, João e BINGEMER, Maria, *Escatologia cristã. O novo céu e a nova terra*, Petrópolis, Editorial Vozes, 1985.
- MESSORI, Vittorio, *Diálogos sobre a Fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 2005.
- NOCKE, Franz, *Escatología*, Herder, Barcelona, 1984.
- PHILIPS, Gérard, *L'Église et son mystère au II Concile du Vatican. Histoire, texte et commentaire de la Constitution Lumen Gentium, I*, Desclée, Paris, 1967.
- POZO, Cándido, *Teología del más allá*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1968.

- POZO, Cándido (dir.), *Documentos 1969-1996. Comisión Teológica Internacional*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1998.
- RAMOS-LISSÓN, Domingos, *Patrología*, EUNSA, Pamplona, 2005.
- RATZINGER, Joseph, *Escatología*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³.
- RÉGIO, José, *Confissão dum Homem religioso*, in *Obras Completas*, Brasília Editora, Porto, 1971.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan, *El don de Dios. Antropología teológica especial*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1991.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³.
- SAYÉS, José, *Escatología*, Madrid: Ediciones Palabra, 2006.
- SCHMAUS, Michael, *Teología dogmática. Los novísimos*, Vol. VII, RIALP, Madrid, 1965.
- TORGA, Miguel, *Diário* (Volumen I e IV), *Obras Completas*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001.
- UNAMUNO, Miguel, *As Almas do Purgatório em Portugal*, in *Portugal. Povo de Suicidas*, Letra Livre, Lisboa, 2008.
- VON BALTHASAR, Hans, *Teodramática. El último acto*, Vol. V, Ediciones Encuentro, Madrid, 1997.